



FLORA

Pousada e RPPN

Águas do Caparaó

da Cachoeira Alta



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dare, Jeany

Flora pousada e RPPN Águas do Caparaó de
Cachoeira Alta [livro eletrônico] / Jeany Dare,
Karla Maria Pedra de Abreu, Maria América Tavares
Evaristo. -- 1. ed. -- Alegre, ES : Ed. da Autora,
2023.

PDF

ISBN 978-65-00-70124-1

1. Mata Atlântica 2. Mata Atlântica (Brasil) -
Preservação 3. Plantas (Botânica) I. Abreu, Karla
Maria Pedra de. II. Evaristo, Maria América Tavares.
III. Título.

23-157502

CDD-581.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Plantas : Botânica 581.4

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Autores

Jeany Dare

Karla Maria Pedra de Abreu

Maria América Tavares Evaristo

Colaboradores

Dalva Ringuier

Lucas Batista

Isabela Ribeiro de Araújo

João Paulo Fernandes Zorzanelli

Diagramação

Jeany Dare

Isabela Ribeiro de Araújo

SUMÁRIO

- 10 **Apresentação**
- 14 **Trilhas da RPPN Águas do Caparaó**
- 15 **ARBUSTOS**
- Asteraceae**
- 16 *Heterocondylus* R.M. King
- 17 *Piptocarpha oblonga* (Gardner) Baker
- 18 *Senecio brasiliensis* (Spreng.) Less.
- 19 *Tilesia baccata* L.
- Celastraceae**
- 20 *Maytenus* Molina
- 21 *Monteverdia ilicifolia* (Mart. ex Reissek) Biral
- Chloranthaceae**
- 22 *Hedyosmum brasiliense* Mart. ex Miq.
- Cyatheaceae**
- 23 *Cyathea* J.Sm.
- Euphorbiaceae**
- 24 *Alchornea triplinervia* (Spreng.) Müll.Arg.
-

SUMÁRIO

Fabaceae

25 *Bauhinia longifolia* Bong.

26 *Dalbergia* L.f.

Hypericaceae

27 *Vismia martiana* Reichardt

Lythraceae

28 *Cuphea hyssopifolia* Kunth.

Melastomataceae

29 *Chaetogastra sebastianopolitana* (Raddi)

30 *Clidemia hirta* (L.) D. Don

31 *Leandra carassana* (DC.) Cogn.

32 *Leandra melastomoides* Raddi

33 *Miconia latecrenata* (DC.) Naudin

34 *Miconia* Ruiz & Pav.

Meliaceae

35 *Cabralea canjerana* Vell.

Monimiaceae

36 *Mollinedia* Ruiz & Pav.

SUMÁRIO

Moraceae

- 37 *Sorocea bonplandii* (Baill.) W.C.Burger et al.

Nyctaginaceae

- 38 *Guapira opposita* (Vell.) Reitz

Ochnaceae

- 39 *Ouratea* Aubl.

Peraceae

- 40 *Pera heteranthera* (Schrank) I.M.Johnst.

Piperaceae

- 41 *Piper* L.

Primulaceae

- 42 *Myrsine lancifolia* Mart.

Rubiaceae

- 43 *Palicourea* Aubl.

- 44 *Palicourea sessilis* M.Taylor(Vell.) C

- 45 *Psychotria nuda* (Cham. & Schltld.) Wawra

Theaceae

- 46 *Laplacea fruticosa* (Schrad.) Kobuski
-

SUMÁRIO

47 **ÁRVORES**

Annonaceae

48 *Guatteria sellowiana* Schlttdl.

Bignoniaceae

49 *Handroanthus serratifolius* (Vahl) S.Grose

Clusiaceae

50 *Clusia organensis* Planch. & Triana

Combretaceae

51 *Terminalia mameluco* Pickel

Euphorbiaceae

52 *Croton floribundus* Spreng.

Fabaceae

53 *Albizia lebbbeck* (L.) Benth

54 *Inga laurina* (Sw.) Willd.

55 *Inga marginata* Willd.

56 *Inga sessilis* (Vell.) Mart.

57 *Ormosia arborea* (Vell.) Harms

58 *Senna macranthera* (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby

SUMÁRIO

59 *Senna multijuga* (Rich.) H.S.Irwin & Barneby

60 *Swartzia oblata* R.S.Cowan

61 *Swartzia simplex* (Sw.) Spreng.

Lauraceae

62 *Nectandra oppositifolia* Nees

63 *Persea willdenovii* Kosterm

Lecythidaceae

64 *Cariniana estrellensis* (Raddi) Kuntze

Malvaceae

65 *Ceiba speciosa* (A.St.-Hil.) Ravenna

Melastomataceae

66 *Pleroma estrellense* (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.

Meliaceae

67 *Melia azedarach* L.

Myrtaceae

68 *Myrcia splendens* (Sw.) DC.

Primulaceae

69 *Myrsine lineata* (Mez) Imkhan.

SUMÁRIO

Rutaceae

70 *Zanthoxylum rhoifolium* Lam.

Solanaceae

71 *Solanum swartzianum* Roem. & Schult.

Urticaceae

72 *Cecropia glaziovii* Snethl.

73 **ERVAS**

Acanthaceae

74 *Ruellia makoyana* Jacob - Makoy

Anemiaceae

75 *Anemia nervosa* Pohl

Asteraceae

76 *Bidens pilosa* L.

Bromeliaceae

77 *Pitcairnia flammea* Lindl.

Cyperaceae

78 *Scleria panicoides* Kunth

79 *Rhynchospora exaltata* Kunt

SUMÁRIO

Heliconiaceae

80 *Heliconia angusta* Vell.

Piperaceae

81 *Peperomia alata* Ruiz & Pav.

Poaceae

82 *Ichnanthus bambusiflorus* (Trin.) Döll

Polygalaceae

83 *Polygala paniculata* L.

Rubiaceae

84 *Coccocypselum lanceolatum* (Ruiz & Pav.) Pers. Xyridaceae

Zingiberaceae

85 *Renealmia brasiliensis* K. Schum

86 **LIANAS**

Dilleniaceae

87 *Davilla rugosa* Poir

88 **PALMEIRAS**

Arecaceae

89 *Euterpe edulis* Mart.

SUMÁRIO

90 **SUBARBUSTOS**

Asteraceae

91 *Baccharis crispa* Spreng.

92 *Baccharis pingraea* DC.

93 *Cyrtocymura scorpioides* (Lam.) H. Rob.

94 *Lepidaploa canescens* (Kunth) H. Rob.

Rubiaceae

95 *Borreria poaya* (A. St.-Hil.) DC.

96 **Lista de espécies**

98 **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

APRESENTAÇÃO

O e-book *Flora da Pousada e RPPN Águas do Caparaó* visa apresentar e valorizar a flora que compõe as trilhas da Reserva Particular do Patrimônio Natural Águas do Caparaó enfatizando a importância ecológica e econômica das espécies vegetais amostradas.

Durante quatro anos foram realizadas expedições nas trilhas localizadas no fragmento que compõe a RPPN Águas de Caparaó para coleta das espécies. As plantas foram identificadas a partir da consulta a especialistas, a coleções de herbários e a bibliografia especializada sendo selecionadas 74 espécies vegetais para comporem esse e-book.

Sabemos que, de forma geral, as pessoas tendem a desprezar as plantas por sua visão equivocada de que elas são inferiores aos animais. Essa falta de habilidade das pessoas para perceber as plantas no seu ambiente é chamada de impercepção botânica e conduz à incapacidade de reconhecer a importância das plantas para a biosfera e para os humanos; inabilidade de apreciar a sua beleza e de perceber suas características peculiares.

Ao proporcionar um maior entendimento sobre as plantas por meio das informações contidas nesse e-book pretende-se dirimir a impercepção botânica sensibilizando os visitantes da área através do conhecimento sobre a flora local, despertando nos mesmos o sentimento de pertencimento e de respeito pelo meio ambiente. Essa sensibilização poderá acarretar em mudanças de comportamento em relação à natureza e à sua conservação.

À proprietária Dalva Ringuier que contribuiu e apoiou diretamente com a pesquisa para a elaboração desse e-book externamos nossa gratidão!

MATA ATLÂNTICA

Um dos temas de maior relevância na atualidade diz respeito à biodiversidade e sua conservação. Questões relacionadas ao conhecimento e uso sustentável da flora, fauna e dos ambientes naturais onde vivem esses organismos, perpassam diferentes meios de comunicação e segmentos da sociedade, principalmente em se tratando da Mata Atlântica.

A Mata Atlântica é um dos biomas prioritários quanto à conservação de espécies sendo considerado um hotspot mundial, ou seja, uma das áreas mais ricas em biodiversidade e mais ameaçadas do planeta. Atualmente, a Mata Atlântica apresenta apenas 12% de seu território original onde se localiza 70% da população brasileira e os maiores núcleos urbanos e industriais do país. Esse bioma cobria 15% do território nacional e na atualidade é composto por remanescentes florestais altamente fragmentados, distribuídos de maneira desigual, pequenos e, em sua maioria, localizados em terras privadas.

ÁREAS PROTEGIDAS DA REGIÃO DO CAPARAÓ

O que restou da Mata Atlântica na forma de remanescentes florestais pode ser protegido através do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Nesse sistema existem diversas categorias de unidades de conservação e na região do Caparaó existem o Parque Nacional (PARNA) do Caparaó e as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), classificadas como unidades de proteção integral e de uso sustentável, respectivamente.

O PARNA Caparaó fica situado entre os Estados do Espírito Santo e Minas Gerais com 80% de seu território no Espírito Santo e 20% em Minas Gerais. Estão localizados no parque os picos mais altos da região Sudeste: o Pico da Bandeira com 2.891,32 metros de altitude, o Pico do Cristal com 2.769,05 metros de altitude e o Pico do Calçado 2.849,00 metros de altitude, sendo o Pico da Bandeira o terceiro maior do Brasil. O Pico da Bandeira possui este nome por um ato solene de D. Pedro II em 1859. Quando em viagem pela região, o último Imperador do Brasil, pioneiro nas preocupações ecológicas, determinou que se colocasse a bandeira do império no local que julgava ser, na época, o mais alto e imponente pico do país. O Pico da Bandeira se estabelece como um admirável atributo histórico, cultural e recreativo do PARNA Caparaó sendo considerado um dos ícones do montanhismo nacional.

A região do PARNA Caparaó possui temperaturas amenas, com médias entre 19°C e 22°C. Porém, nos locais mais elevados, durante o inverno, são frequentes as temperaturas mínimas de até 4°C negativos, sendo comum a ocorrência de geadas. A serra do Caparaó apresenta uma grande quantidade de córregos, riachos e nascentes, contribuindo com três importantes bacias hidrográficas: a bacia do rio Itabapoana, a bacia do rio Itapemirim e a bacia do rio Doce, respectivamente dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

A Mata Atlântica com sua biodiversidade cobre como um manto sagrado toda Serra do Caparaó e a gravidade das ameaças que pairam sobre esse bioma conferem ao parque, assim como ao seu entorno, o grau de área prioritária com importância biológica extremamente alta devido à presença de espécies endêmicas e ameaçadas de extinção. O parque possui florestas representadas por duas fitofisionomias: estacional e ombrófila, as quais se desenvolvem ao longo das encostas da serra do Caparaó e topos mais baixos. Em altitudes acima de 1.600 metros ocorrem as formações de campos de altitude que estão distribuídas em quatro categorias: afloramentos rochosos com vegetação esparsa, afloramentos rochosos com vegetação arbórea, rocha nua e brejos de altitude.

No entorno do PARNA estão as comunidades de Pedra Menina com a portaria do PARNA, Mundo Novo, Patrimônio da Penha, Limo Verde, Santa Marta, Pedra Roxa, Santa Clara e São João do Príncipe, na qual foi iniciado o Projeto Cama e Café. Desde 1995, com a criação do Fórum Pró Caparaó, o desenvolvimento do turismo vem crescendo, gerando trabalho e renda para as comunidades do entorno do parque no lado capixaba. O projeto Cama e Café foi criado especialmente para atender a demanda que surgiu na região a partir da abertura da portaria capixaba do PARNA Caparaó em Pedra Menina em 22 de setembro de 1998.

Na região do Caparaó alguns proprietários rurais criaram reservas denominadas Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs). As RPPNs são reservas localizadas em áreas privadas e gravadas com perpetuidade onde as únicas atividades permitidas são pesquisa científica e visitação - turística, recreativa e educacional. A RPPN Águas do Caparaó está situada no Município de Divino de São Lourenço, foi criada em 2008 pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e está localizada em uma área de extrema importância por fazer parte do entorno do PARNA Caparaó e compor sua zona de amortecimento. A RPPN possui um fragmento de floresta ombrófila densa montana de 13,6 hectares que possui 26 anos de regeneração a partir de um pasto abandonado. Existem nessa área cachoeiras e quatro trilhas abertas ao público sendo uma principal subdividida em três trechos e outras três trilhas adjacentes.

AS TRILHAS ECOLÓGICAS

As trilhas presentes em áreas protegidas podem ser utilizadas como ferramenta de educação ambiental pois propiciam maior conhecimento sobre o local visitado e sua conservação. A sensibilização utilizando trilhas pode ser o início da ampliação da responsabilidade social por meio da percepção que as ações humanas afetam o meio ambiente. O contato com o meio ambiente pode contribuir para que a sensibilização aconteça de maneira contextualizada com a realidade e de forma espontânea.

A interpretação ambiental é uma ferramenta didática capaz de esclarecer os fenômenos da natureza em linguagem adequada e acessível, promovendo o sentimento de pertencimento ambiental. A conservação da flora depende não só de estudos, mas também de sensibilização e o contato com a natureza é o elemento motivador para dar encanto e interesse sendo uma ferramenta capaz de auxiliar no interesse pela vegetação.

A trilha ecológica é um local onde se encontram várias possibilidades de contextualização do pertinente e do real e nesses locais, atividades voltadas para a empatia com as plantas podem contribuir para reduzir a impercepção botânica e estimular o comportamento de conservação desses seres vivos. Possibilitar essas experiências diretas com plantas pode promover o interesse pelos vegetais e pela sua conservação.

TRILHAS DA RPPN ÁGUAS DO CAPARAÓ



ARBUSTOS

Asteraceae

Heterocondylus R.M. King

Pertence à família Asteraceae, é nativa do Brasil e ocorre em estados das cinco regiões do país. São descritas 6 espécies para o gênero, sendo 4 delas endêmicas.

As espécies pertencentes a esse gênero possuem hábitos diversos: herbáceas, micrófilas e monocéfalas, até as quase arbustivas.



FSC - Luís A. Funez

Heterocondylus alatus



Heterocondylus alatus

Fotos: Luís A. Funez. Disponível em:<<https://floradesantacatarina.wordpress.com/asteraceae/heterocondylus-alatus/>>

Asteraceae

Piptocarpa oblonga (Gardner) Baker Canela Branca



Pertence à família Asteraceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre no Cerrado e na Mata Atlântica de estados do Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul do país. É conhecida popularmente como braço-do-rei, cambará e cipó-cambrai.

Podemos encontrar essa espécie sobretudo na região litorânea, quando encontrada na Floresta Ombrófila Densa, vai habitar florestas de galerias, e formações secundárias. Floresce e frutifica entre os meses de julho a outubro.



Asteraceae

Senecio brasiliensis (Spreng.) Less.

Maria mole

Pertence à família Asteraceae, é popularmente conhecida como Maria-mole, é nativa do Brasil, porém não é endêmica. Ocorre em estados do Sudeste e do Sul do país no bioma Cerrado, na Mata Atlântica e no Pampa.

É um subarbusto que pode chegar a 1,6 m de altura comumente encontrado em bordas de mata. Possui inflorescências que apresentam uma coloração amarela, as quais lembram margaridas. Sua propagação se dá através das sementes dispersas pelo vento.



É empregada na ornamentação de cemitérios, nas áreas rurais do sul do Brasil. Pode ser considerada como planta fornecedora de pólen e/ou néctar, por receber frequentes visitas de abelhas.

As folhas e o caule são utilizados na medicina popular para preparar pomadas para o tratamento de feridas. Para o gado bovino é tóxica, causando uma doença denominada seneciose, podendo causar a morte do animal.

Asteraceae

Tilesia baccata L.

Camará de praia

Tilesia baccata pertence à família Asteraceae, é naturalizada e pode ser encontrada em todos os estados brasileiros. É conhecida popularmente como camará ou camará-de-praia.

Possui páleas de ápice amarelo-alaranjado e brilhante que atraem os pássaros, que realizam a dispersão de suas sementes, e hábitos de subarbusto escandente, como características marcantes.



Fotos: Alex Popovkin, Bahia, Brazil. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/plants_of_russian_in_brazil>

Celastraceae

Maytenus Molina Espinheira Santa



Pertence à família Celastraceae, é nativa e não endêmica do Brasil, podendo ser encontrada na Mata Atlântica e no Pampa de estados do Sudeste e Sul do Brasil. As espécies pertencentes a esse gênero são popularmente conhecidas como “Espinheira-Santa”.



A "espinheira-santa" apresenta ação medicinal comprovada contra gastrite e úlcera gástrica. Na medicina popular também tem outras finalidades, como, por exemplo, depurativo do sangue e no tratamento de diabetes, problemas no sistema urinário e problemas intestinais.

O cultivo de "espinheira-santa" pode ser uma alternativa de produção agrícola, principalmente para pequenas propriedades. Além de atender a demanda da indústria farmacêutica, o que geraria renda para o produtor rural, esta atividade contribuiria para conservação in situ das espécies, pela redução do extrativismo.

Celastraceae

Monteverdia ilicifolia (Mart. ex Reissek) Biral Espinheira Santa



Pertence à família Celastraceae, é nativa do Brasil. É popularmente conhecida como espinheira-santa, nome esse que faz referência às saliências pontiagudas da margem serrada pontiaguda das folhas que lembram espinhos e à sua ação terapêutica sobre úlceras estomacais.



Suas folhas são utilizadas na medicina popular para tratar problemas dos sistemas digestório, urinário e endócrino, sendo também utilizada para tratar gastrite e úlceras. Os principais constituintes químicos da espinheira-santa são os terpenos, flavonóides, mucilagens, antocianos, óleos essenciais, ácido tânico, silício, sais de ferro, enxofre, sódio e cálcio, matérias resinosas e aromáticas.



Devido ao efeito cicatrizante e antiinflamatório dessa planta, os povos nativos do Paraná e de Santa Catarina já utilizavam-a para tratar diversos males, como câncer de pele, amenorréia e dismenorréia, dentre outras. Outro uso bem difundido dessa planta é misturada ao chimarrão, pelos gaúchos, para aliviar gastrite, azia e úlcera gástrica ou duodenal.

Apesar do crescimento lento, a espinheira-santa apresenta qualidades ornamentais, podendo ser empregada, com sucesso, na arborização urbana, principalmente em ruas estreitas e sob redes elétricas. É uma espécie de extrema importância ambiental, sendo recomendada para para restauração de ambientes ripários e de ecossistemas degradados.

Chloranthaceae

Hedyosmum brasiliense Mart. ex Miq.

Limãozinho do Mato

Pertence à família Chloranthaceae, é nativa do Brasil e ocorre em estados das cinco regiões do país. É conhecida popularmente como erva-cidreira-do-mato ou limãozinho do mato.

Essa espécie produz muitos frutos, que são apreciados pela avifauna, por isso é recomendada para restauração florestal, sobretudo em ambientes brejosos. É classificada como planta pioneira e apresenta ampla dispersão, com padrão de distribuição geralmente irregular, sendo mais frequente em solos brejosos.

Suas folhas são utilizadas na medicina popular como calmante, afrodisíaco, analgésico e anti microbiano, sendo as duas últimas comprovadas experimentalmente. Reitz ainda elenca que essa planta é recomendada para enxaquecas e doenças do ovário, devido às suas propriedades aromáticas, análepticas e antifebril.

O óleo essencial dessa espécie possui aroma herbal, que lembra a "Cidreira". Outro uso comum dessa espécie é como substituta do Chá Verde.



Fotos: Jeany Dare



Foto: João Paulo de Maçaneiro. Disponível em <<https://floradigital.ufsc.br/index.php>>

Cyatheaceae

Cyathea J.Sm.

Samambaiaçú



Esse gênero é caracterizado por apresentar samambaias arbóreas nativas popularmente conhecidas como samambaiaçú. Atualmente existem 53 espécies pertencentes a esse gênero, sendo 14 endêmicas do Brasil.

As samambaias arborescentes estão amplamente distribuídas nos trópicos e são componentes importantes na vegetação tropical que desempenham papéis ecológicos significativos como abrigo de muitas espécies de invertebrados, líquens e fungos, além de servir como forófito para epífitas.

No Brasil, suas espécies representam um alvo de exploração extrativista, pois seus cáudices são utilizados como substratos para cultivo de plantas ornamentais ou plantas inteiras são utilizadas em jardinagem, além de serem utilizados com finalidade medicinal.



Fotos: Jeany Dare

Euphorbiaceae

Alchornea triplinervia (Spreng.) Müll.Arg.

Tanheiro

Pertence à família Euphorbiaceae, é nativa e não endêmica do Brasil, ocorre em estados das 5 regiões do Brasil, nos distintos domínios fitogeográficos.

Recebe os nomes populares de Tapi, Tanheiro, e Pau óleo. Suas sementes possuem um arilo vermelho que são procuradas pela fauna e também utilizadas para fazer artesanato (brincos, colares etc).

Além de ser um atrativo e servir de alimento para a fauna, é melífera, pioneira e rústica, ocupando facilmente espaços em regiões degradadas, sendo recomendada para a restauração de mata ciliar em terrenos com ou sem inundação.

As folhas dessa espécie servem de alimento ao macaco-bugio ou guariba-ruivo (*Alouatta fusca*), e seus frutos são procurados por aves e pelo mono-carvoeiro, *Brachyteles arachnoides*.



Foto: Martin Molz. Disponível em:<https://floradigital.ufsc.br/open_sp.php?img=885>

Fabaceae

Bauhinia longifolia Bong. Steud.

Pata de Vaca

Pertence à família Fabaceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada em estados das cinco regiões do país. É conhecida popularmente como pata-de-vaca.

Suas folhas e casca-de-tronco são utilizadas na medicina popular como remédio para diferentes tipos de doenças, particularmente diabetes, infecções, dor e processos inflamatórios.

O gênero *Bauhinia* é caracterizado pelo acúmulo de flavonóides livres e glicosilados, especialmente derivados do canferol e da quercetina.

Por ser uma árvore de porte pequeno e de rápido crescimento é empregada na arborização de ruas estreitas e sob redes elétricas.

É uma espécie pioneira exclusiva da mata semidecídua de altitude, onde ocorre em frequência elevada, porém de dispersão bastante irregular e descontínua.



Fotos: Jeany Dare



Foto: Christoph Diewald. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/chris_diewald/>

Fabaceae

Dalbergia L.f.

Pertence à família Fabaceae, é nativa e não endêmica, ocorre em todos os estados do Brasil. *Dalbergia* apresenta distribuição pantropical e reúne cerca de 250 espécies, sendo que 39 dessas ocorrem no Brasil. Popularmente recebe o nome de Jacarandá ou Jacarandá da Bahia, dependendo da espécie.

O nome *Dalbergia* é em homenagem ao médico sueco N. Dalberg (1730 — 1830).

As espécies desse gênero possuem óleo essencial de cheiro muito agradável, são ótimas opções para a arborização urbana e para recuperação do solo, por depositar camada razoável de folhas sobre o mesmo.

Dalbergia sp. tem sido amplamente explorada para produção de própolis vermelha, que consiste em uma mistura complexa feita pelas abelhas a partir do material resinoso encontrado no tecido meristemático em várias plantas deste gênero.



Foto: Mauricio Mercadante. Disponível em:<<https://www.flickr.com/photos/mercadanteweb>>

Hypericaceae

Vismia martiana Reichardt

Pertence à família Hypericaceae, é nativa e endêmica do Brasil, ocorre na Mata Atlântica dos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. É classificada como espécie pioneira e se apresenta tanto como árvores como arbustos.

Possui ramos esbranquiçados com tricomas ferrugíneos estrelados esparsos, pubescentes quando jovens.



Lythraceae

Cuphea hyssopifolia Kunth.

Falsa Érica

Cuphea hyssopifolia pertence à família Lythraceae, é conhecida popularmente como falsa-érica, sendo uma espécie cultivada. É frequentemente encontrada em áreas antropizadas, sem cultivo e com cultivo.

É utilizada por índios mexicanos para tratar perturbação estomacal, sífilis e câncer. Como continuamente floresce ao longo do ano, tem alto valor ornamental e é frequentemente usado como uma planta ornamental de jardim. Outra potencial utilidade dessa espécie é em cosméticos e produtos médicos.



Fotos: Jeany Dare

Melastomataceae

Chaetogastra sebastianopolitana (Raddi)

P.J.F.Guim. & Michelang.

Quaresmeira Mirim

Pertence à família Melastomataceae, é nativa e endêmica do Brasil, sendo encontrada no Cerrado e na Mata Atlântica da Bahia, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Chaetogastra sebastianopolitana ocorre em áreas abertas e pode ser reconhecida pelas flores tetrâmeras com pétalas roxas, heteromórficas, estames amarelos e frutos capsulares.



Melastomataceae

Clidemia hirta (L.) D. Don

Pixirica

Pertence à família Melastomataceae, é nativa do país e pode ser encontrada em todos os estados brasileiros. É popularmente conhecida como pixirica.

É uma planta colonizadora que geralmente é encontrada em locais sombreados, quentes e úmidos, como margem de bosques, estradas e plantios.

Seus frutos possuem numerosas pequenas sementes, suas folhas são lustrosas e patentes, com tricomas, hirsutos e hipanto urceolado. Seus frutos são comestíveis in natura ou podem ser utilizados para o preparo de saladas, geléias dentre outros produtos.



Fotos: Jeany Dare

Melastomataceae

Leandra carassana (DC.) Cogn.

Pertence à família Melastomataceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada em estados do Nordeste, Sudeste e Sul do país.

Possui como característica marcante ramos cilíndricos, folhas com margem denticulada a denteada e face abaxial com a superfície recoberta por tricomas estrelado-estipitados.



Foto: José Fernando Andrade Baumgratz. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br>>.

Melastomataceae

Leandra melastomoides Raddi

Cambará do Mato

Pertence à família Melastomataceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada no Cerrado e na Mata Atlântica de estados do Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Popularmente é conhecida como cambará-do-mato ou pixirica.

Leandra melastomoides pode ser reconhecida pelas folhas cartáceas, lanceoladas, com ápice agudo, base atenuada e com brácteas e bractéolas inteiramente revestidas por indumento seríceo.



Fotos: Jeany Dare

Melastomataceae

Miconia latecrenata (DC.) Naudin

Miconia latecrenata pertence à família Melastomataceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica de estados do Nordeste, Sudeste e Sul do país. Podem ser componentes de sub-bosque de florestas primárias, mas ocorrem principalmente em área secundária, bordas e clareiras naturais no interior de florestas.

Espécie reconhecida pelo hábito arbustivo a arbóreo, ramos e face abaxial das folhas glabrescentes, folhas concolores, com margem denticulada, inflorescências paniculadas apicais com ramos adicionais no segundo e/ou terceiro pares de folhase estames brancos.



O gênero *Miconia* é característico de vegetação secundária por serem plantas pioneiras na estruturação de florestas e de valor ecológico para a recuperação de áreas degradadas. Apresenta frutos pequenos e arredondados de considerável importância na dieta alimentar de animais frugívoros, nectarívoros, polinívoros e galhadores. Estudos mostraram efeito citostático em células tumorais humanas provocado por extratos etanólicos e diclorometânico das folhas dessa espécie.



Fotos: Renato Goldenberg. Disponível em:
<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>

Melastomataceae

Miconia Ruiz & Pav.

O gênero *Miconia* pertence à família Melastomataceae. No Brasil, o gênero é representado por 267 espécies, sendo que 101 delas são endêmicas.

É um grupo característico de vegetação secundária, são plantas pioneiras e apresentam frutos pequenos e arredondados que são consumidos por aves.

Além da diversidade morfológica (espécies, tricomas, anteras, sementes etc.), *Miconia* possui considerável importância na dieta alimentar de animais frugívoros, nectarívoros, polinívoros e galhadores na estruturação de florestas e valor ecológico para a recuperação de áreas degradadas.

Podem ser componentes de sub-bosque de florestas primárias, mas ocorrem principalmente em área secundária, bordas e clareiras naturais no interior de florestas.



Fotos: Forest & Ki, Starr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/starr-environmental/>

Meliaceae

Cabralea canjerana Vell.

Cedro Canjerana

Pertence à família Meliaceae, é nativa do Brasil podendo ser encontrada em estados das cinco regiões do país. É popularmente conhecida como cedro-canjerana.

É uma espécie que pode ser empregada com sucesso no paisagismo em geral. O arilo suculento que envolve a semente é consumido por várias espécies de pássaros, razão pela qual sua inclusão é indispensável na composição de reflorestamento heterogêneos de áreas destinadas à preservação permanente.

É frequentemente encontrada na floresta primária, mas pode também ser encontrada como planta pioneira e secundária nas capoeiras e capoeirões.

Cabralea canjerana possui potencial inseticida, atribuído ao fato de apresentarem triterpenos do tipo damarano e limonoides.



Fotos: Jeany Dare

Monimiaceae

Mollinedia Ruiz & Pav.

O gênero *Mollinedia* pertence à família Monimiaceae, espécies desse gênero podem ser encontradas em todas as regiões do país. São descritas 36 espécies do gênero para o Brasil, sendo que 33 delas são endêmicas.

As espécies podem ser reconhecidas pelas flores estaminadas com proporção de ca. de 1:1 na relação pétalas e receptáculo, as flores pistiladas são caliptradas, com ovário piloso e drupéolas cedo expostas, se desenvolvendo em um receptáculo reflexo.

O gênero é constituído por árvores e arbustos que ocorrem em ecossistemas florestais, predominantemente como integrante do sub-bosque e mais raramente como árvores dos estratos superiores.



Mollinedia clavigera Tul.



Mollinedia schottiana (Spreng.) Perkins

Moraceae

Sorocea bonplandii (Baill.) W.C.Burger et al.

Soroco

Sorocea bonplandii pertence à família Moraceae, é nativa e não endêmica do Brasil, sendo encontrada em estados do Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Essa espécie é popularmente conhecida na região Sudeste como folha de serra, soroco ou sorocaba. O nome genérico *Sorocea* vem do tupi *soróka*, que significa “desagregação de terras”, por infiltração de água no subsolo; o epíteto específico *bonplandii* é em respeito ao botânico francês Aimée Bonpland – 1773–1858.



João A. Bagatini ©



© 2020 Daniel Grasel

Sorocea bonplandii é uma espécie dióica, polinizada essencialmente por abelhas e pequenos insetos. A dispersão de suas sementes é feita por gravidade ou por animais silvestres não-específicos e pela avifauna, destacando-se sabiás (*Turdus* spp.) e araçaris (*Pteroglossus* spp.).

No Paraguai, as folhas de *Sorocea bonplandii* são usadas como forragem para bois e outros animais. Em Misiones, na Argentina, os nativos comem os frutos. O suco leitoso que exsuda do tronco dessa espécie é considerado medicinal, além de possuir potencial paisagístico, principalmente em lugares sombreados. Essa espécie é muito importante para restauração em área de preservação permanente, incluindo-se ambientes fluviais ou ripários, onde suporta encharcamento e inundação.



© 2020 Daniel Grasel

Fotos: Daniel Grasel e João Augusto Bagatini. Disponível em <<https://floradigital.ufsc.br>>

Nyctaginaceae

Guapira opposita (Vell.) Reitz

Maria Mole

Pertence à família Nyctaginaceae, é nativa do Brasil e ocorre em estados das cinco regiões. É popularmente conhecida no Espírito Santo como Maria-mole.

Seus frutos são importantes para a avifauna, que se alimentam desses e também disseminam suas sementes. É recomendada para a utilização em reflorestamentos mistos destinados à recuperação de áreas degradadas.

Essa espécie ocorre em dois ambientes distintos: nas associações clímax da Floresta Atlântica e na restinga, nas proximidades da praia, por isso possui uma grande variedade morfo-anatômica de folhas.



Fotos: João Paulo Maçaneiro. Disponível em <<https://floradigital.ufsc.br>>

Ochnaceae

Ouratea Aubl.

Pertence à família Ochnaceae, é um gênero nativo do Brasil que pode ser encontrado em todos os estados. São descritas 124 espécies do gênero para o Brasil, sendo 78 endêmicas.

Possuem inflorescências predominantemente terminal, cálice geralmente caduco, estípulas laterais e livres, e embrião ereto.

As espécies desse gênero são utilizadas na medicina popular como adstringentes, tônicas, estomáquicas, vermífugas, em distúrbios gástricos e reumatismo.



Ouratea vaccinioides (A.St.-Hil. & Tul.) Engl.

Peraceae

Pera heteranthera (Schrank) I.M. Johnst.

Pereiro

Essa espécie pertence à família Peraceae, é nativa e endêmica do Brasil, ocorrendo em estados do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste.

A espécie é conhecida popularmente na Bahia como louro apagão, e no Pará como Pereiro. O genérico *Pera* é devido ao aspecto saciforme dos involúncros das inflorescências, o epíteto específico *heteranthera* significa anteras desiguais, em referência ao número de estames diferentes nas flores laterais à flor central.

Pera heteranthera apresenta uma característica peculiar, que é a presença de um pistilódio muito semelhante às flores femininas nas inflorescências estaminadas.



Fotos: Thiago Flores. Disponível em <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br>>

Piperaceae

Piper L.

Pimenta de macaco

Esse gênero pertence à família Piperaceae, é gênero nativo do Brasil ocorrendo em todos os estados do país.

São descritas 289 espécies para o Brasil, sendo 183 endêmicas. As espécies desse gênero são popularmente conhecidas como pimenta-de-macaco.

Apresentam inflorescência em espigas ou racemos e frutos do tipo drupa constituindo uma importante fonte de alimento para os morcegos. As plantas desse gênero são capazes de produzir óleos essenciais com potencial biotecnológico para o ramo da saúde e da agricultura.



Fotos: Jeany Dare

Primulaceae

Myrsine lancifolia Mart.

Myrsine lancifolia pertence à família Primulaceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre no Cerrado e na Mata Atlântica dos estados do Sudeste e do Sul do país. É conhecida popularmente como capororoca.

É uma arvoreta que mede entre 2–4 m altura, possui folhas cartáceas, glabras, lisas, lanceoladas, ápice agudo a acuminado, base aguda, não revoluta, margem inteira, levemente revoluta, nervura mediana proeminente em ambas as faces.

As inflorescências possuem pedúnculos curtos, as flores são pentâmeras, as sépalas são lanceoladas, com tricomas curtos, esparsos, cavidades secretoras globosas e elípticas com conteúdo escuro; as pétalas possuem cavidades secretoras globosas e elípticas em maior densidade que as lineares. Os frutos são globosos, e possuem coloração rosácea ou violácea quando maduros.



Fotos: Maria Ignez Calhau. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ignezmotta>>

Rubiaceae

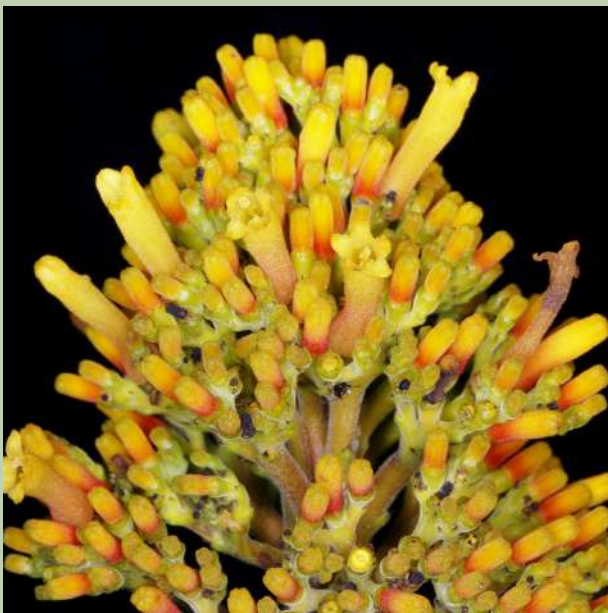
Palicourea Aubl.

Pertence à família Rubiaceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada em todos os estados brasileiros. São descritas 171 espécies para esse gênero, sendo 47 endêmicas.

Este gênero apresenta plantas arbustivas ou arbóreas de pequeno e grande porte, de folhas inteiras, simples, opostas ou verticiladas. *Palicourea* inclui plantas adaptadas para a polinização por beija-flor, com flores inodoras, pediceladas, inflorescência e flores coloridas, corola tubulares relativamente grandes com tubos bem desenvolvidos, muito bem curvados e expandidos na base, com essa porção basal contendo néctar que são protegidos de insetos por um denso anel de tricomas.

O gênero apresenta espécies com potencial ornamental e fitotxicológico e várias espécies são utilizadas na medicina tradicional para o tratamento de infecções fúngicas, tosse e dores de estômago, além de estarem incluídas na lista de plantas utilizadas contra o câncer.

Alguns dos principais compostos presentes nas plantas desse gênero são: cumarinas, ácidos benzóicos e terpenos.



Palicourea rigida Kunth



Palicourea officinalis Mart.

Fotos: Mauricio Mercadante. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/mercadanteweb>>

Rubiaceae

Palicourea sessilis M.Taylor(Vell.) C.M.Taylor

Quina Mole



Palicourea sessilis pertence à família Rubiaceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada na Mata Atlântica de estados do Nordeste, Sudeste e Sul do país.

Essa espécie é conhecida popularmente como quina-mole ou canela-amarela.

Estudos recentes mostraram a presença de compostos químicos de interesse no extrato de etanol das partes aéreas de *Palicourea sessilis*. São esses compostos: esquano, estigmasterol, sitosterol, lupeol e scopoletina.



Rubiaceae

Psychotria nuda (Cham. & Schltl.) Wawra

Cravo negro



Psychotria nuda pertence à família Rubiaceae, é nativa e endêmica do Brasil ocorrendo nos estados do Sudeste e Sul do país. É popularmente conhecida como cravo-negro.

É considerada de grande importância para a recuperação de áreas degradadas, e possui alto potencial ornamental pela beleza de suas flores e frutos.



Fotos: Jeany Dare

Theaceae

Laplacea fruticosa (Schrad.) Kobuski

Santa Rita



Essa espécie pertence à família Theaceae, é nativa do Brasil e possui ampla distribuição, podendo ser encontrada em estados de todas as cinco regiões. Possui diversos nomes populares, dentre eles o mais conhecido é Santa Rita. O epíteto específico *fruticosa* é porque essa espécie frutifica bastante.

Laplacea fruticosa é hermafrodita, sendo polinizada essencialmente por abelhas e diversos insetos pequenos. A dispersão de frutos e sementes: é anemocórica (pelo vento).

É uma espécie secundária tardia, sendo encontrada às vezes formando capões quase puros.



Pode ser utilizada como forragem para animais, além de possuir boas características para ser usada em paisagismo e arborização. Essa espécie é recomendada para recuperação de ecossistemas degradados e para restauração do ambiente fluvial ou ripário, em terrenos com ausência de inundação.

Fotos: Mariana Spala e Maria Ignez Calhau. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ignezmotta>>

ÁRVORES

Annonaceae

Guatteria sellowiana Schltdl.

Embira

Essa espécie pertence à família Annonaceae, é nativa e endêmica do Brasil. É encontrada na Caatinga e na Mata Atlântica de estados do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. É popularmente conhecida como “embira” e pode chegar a 15 m de altura.

Essa espécie pode ser caracterizada pelos ramos jovens ferrugíneo-tomentosos e pedicelos relativamente curtos, além de possuir folhas e pedicelo com pilosidade.

Suas folhas são utilizadas na medicina popular contra disenteria e úlceras estomacais e seus frutos são apreciados por aves e mamíferos arborícolas. A espécie é indicada para arborização urbana e para plantios mistos destinados a recompor áreas em margem de cursos d'água.

A polinização de suas flores é feita por besouros e a dispersão das sementes é feita pelas aves e mamíferos que se alimentam de seus frutos.



Foto: L. Menini Neto



Foto: L. Menini Neto

Fotos: L. Menini Neto. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/floraserranegra>>

Bignoniaceae

Handroanthus serratifolius (Vahl) S.Grose

Ipê amarelo

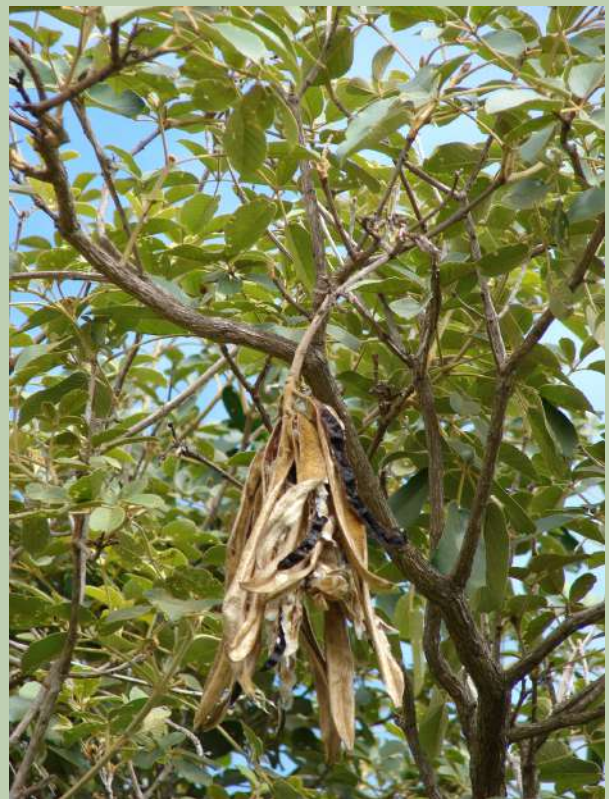


Pertence à família Bignoniaceae, é nativa do Brasil e ocorre em grande parte do território brasileiro, com exceção dos estados Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O nome genérico *Handroanthus* é em homenagem ao grande botânico Handro; o epíteto específico *serratifolius* é porque a margem da lâmina foliar é bem serrilhada.

Na Chapada do Araripe, no sul do Ceará, a casca dessa espécie é aproveitada na extração de tanino. O ipê amarelo tem potencial melífero, principalmente em Minas Gerais, produzindo néctar e pólen. *Handroanthus serratifolius* possui propriedades medicinais: anticancerígena, anti reumática e antianêmica. O chá e o decocto das flores também são usados contra sífilis. A madeira é usada para corantes de roupas.

É uma espécie excelente para paisagismo devido à grande beleza de suas flores, além de ser recomendada para restauração de ambientes fluviais ou ripários (Mata Ciliar).



Fotos: Jeany Dare e Mauricio Mercadante. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/mercadanteweb>>

Clusiaceae

Clusia organensis Planch. & Triana Clusia



Clusia organensis pertence à família Clusiaceae. É nativa e endêmica do Brasil, sendo encontrada apenas na mata atlântica de três estados brasileiros: Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Apresenta como sinônimo o nome *Clusia marizii* Gomes da Silva & B.Weinberg. O nome *Clusia* foi proposto por Plumier em 1703, para homenagear o botânico belga Carolus Clusius. E o epíteto específico *marizii* foi uma homenagem a Geraldo Mariz, especialista do gênero.

Possuem folhas oblongo-elipsóides e subcoriáceas, as inflorescência são trí a multiflora, as flores possuem pétalas vermelhas escuras, estames livres dispostos em dois ciclos estaminódios nas flores femininas. Possuem flores masculinas e flores femininas. Os frutos são verdes quando maduros, e as sementes possuem arilo alaranjado.

Possui resina floral que é oferecida como recompensa para os polinizadores. As abelhas utilizam essa recompensa para a construção de seus ninhos. As espécies de *Clusia* fazem parte de um pequeno grupo de dicotiledôneas que realizam tanto metabolismo C₃ quanto Metabolismo Ácido das Crassuláceas (CAM).

Está listada como ameaçada de extinção para o estado do Espírito Santo.



Fotos: Jeany Dare

Combretaceae

Terminalia mameluco Pickel Pelada

Pertence à família Combretaceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre na Caatinga e na Mata Atlântica dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Espírito Santo e Minas Gerais. Possui diversos nomes populares: pequi-doce, pelada, capitão-do-campo, arará-d'água e mameluco.

Possui como características marcantes folhas elípticas a obovadas, com indumento seríceo em ambas as faces.

Está classificada pelo CNC FLORA como quase ameaçada de extinção devido ao fato de ser endêmica da região compreendida entre o norte do Espírito Santo e o sul da Bahia.



Fotos: João Renato Stehamann e Rayane Ribeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>

Euphorbiaceae

Croton floribundus Spreng.

Sangue-de-dragão

Pertence à família Euphorbiaceae, é uma espécie nativa e não endêmica do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica de estados do Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul.

Popularmente conhecido como Capixingui ou Sangue-de-dragão é uma árvore pioneira que pode chegar a até 10m de altura. Recebe o nome popular de Sangue-de-dragão por possuir látex de coloração avermelhada.



Foto: Isabela Araújo

O termo *Croton* provém do nome grego *Croton* (carrapato), pelo fato da semente ter semelhança com esse animal. Por ser uma planta pioneira é utilizada em reflorestamentos mistos em áreas degradadas.

Na medicina popular, as cascas do tronco dessa espécie são usadas como chá contra sífilis e hemorróidas. As folhas são usadas para úlceras, como as catárticas. Os frutos são considerados tônicos.

A polinização dessa espécie é realizada por insetos, abelhas, e pelo vento. As flores são melíferas fornecendo pólen e néctar.

Fabaceae

Albizia lebeck (L.) Benth.

Língua de sogra

Pertence à família Fabaceae, é uma espécie naturalizada ao Brasil que pode ser encontrada em todas as cinco regiões do país. É popularmente conhecida como língua-de-sogra, ébano-oriental ou coração-de-negro.

É originária da Ásia Tropical e por isso não tolera invernos rigorosos com geadas. Por possuir copa densa e ornamental é utilizada na arborização urbana. Destaca-se pelo grande número de vagens pendentes, persistentes.



Fotos: Forest and Kim Starr. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/forest-and-kim>>

Fabaceae

Inga laurina (Sw.) Willd.

Ingá mirim

Pertence à família Fabaceae, é uma espécie nativa e não endêmica do Brasil, podendo ser encontrada em estados de todas as regiões do país. No Espírito Santo é conhecido popularmente como ingá-mirim ou ingá-da-praia.



Por possuir a copa frondosa é fornecedora de ótima sombra, podendo ser utilizada para sombreamento de cafezais e na arborização urbana. Seus frutos são comestíveis e muito apreciados pela fauna, que acaba realizando a dispersão das sementes.

Floresce principalmente entre os meses de setembro e novembro e frutifica entre os meses de dezembro e janeiro. Suas flores são brancas, dispostas em inflorescências em espigas.



Fotos: Mauricio Mercadante. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/mercadanteweb>>

Fabaceae

Inga marginata Willd.

Ingá feijão

Pertence à família Fabaceae, é uma espécie nativa e não endêmica do Brasil, ocorrendo em quase todos os estados do Brasil. É popularmente conhecido como ingá-feijão e pode chegar a medir 20m de altura.

O nome genérico *Inga* vem de ingá, nome indígena da planta. O epíteto específico *marginata* é porque a vagem apresenta margem delgada. Em tupi-guarani, o ingá-feijão é conhecido como ingai, que significa “fruto-da-água”. É abundante nas margens de rios, sendo frequente nas formações secundárias (capoeiras e capoeirões). Essa espécie é comum nas florestas semidevastadas e bastante rara na floresta primária.



Pode ser utilizado como forragem para animais, seus frutos são comestíveis, produz grande quantidade de néctar e pólen, sendo muito procurada pelas abelhas.

Na medicina popular, o fruto dessa espécie é indicado no tratamento de úlceras vaginais. O decocto da casca é adstringente e hemostático.

Por seu porte adequado e excelente sombra, é também indicada para arborização de ruas, de parques ou de campos onde haja suficiente espaço para seu bom desenvolvimento.

Fabaceae

Inga sessilis (Vell.) Mart.

Ingá ferradura

Pertence à família Fabaceae, é uma espécie nativa e endêmica do Brasil. Ocorre em estados do Nordeste, Norte, Sudeste e Sul do país, e é popularmente chamado de ingá-ferradura.

Inga vem de ingá, nome indígena da planta e o nome *sessilis* é porque os frutos são sésseis, sem pedúnculo. Essa árvore pode chegar a até 60m de altura, mas em média mede de 5 a 10m.

É uma espécie secundária inicial, sendo encontrada na planície, em fundo dos vales e início de encostas, quer em associação primária como secundária. Na vegetação secundária, ocorre em clareiras com menos de 60 metros quadrados.

Essa espécie pode ser utilizada como forragem para animais, seus frutos são comestíveis e suas flores melíferas.



Na medicina popular a polpa, que envolve as sementes, é utilizada como laxante. Possui potencial paisagístico, podendo ser utilizada em parques, praças, arborização rodoviária e de represas.

As flores e os frutos dessa espécie também servem de alimento ao macaco-bugio (, *Alouatta fusca*). É recomendada para plantio nas faixas mais próximas aos cursos d'água, em locais sujeitos a inundações periódicas de média a longa duração e com período de encharcamento longo e. É também recomendada para plantios, na recuperação de ecossistemas degradados.

Fabaceae

Ormosia arborea (Vell.) Harms

Guamirim

Pertence à família Fabaceae, é uma espécie nativa e endêmica do Brasil. Ocorre no Cerrado e na Mata Atlântica nos estados do Nordeste, Sudeste e Sul do país. É popularmente conhecida como coroneira ou tento. O nome específico *Ormosia* vem do latim color, referindo-se às sementes coloridas, usadas na confecção desse adorno e o epíteto específico *arborea*, por se tratar da espécie de maior dimensão no gênero.

A polinização dessa espécie é feita essencialmente por abelhas e diversos insetos pequenos, apresenta ampla e descontínua dispersão, mas com frequência muito pequena. Em estado natural, a dificuldade na germinação mostra que a planta está sempre ou quase sempre representada por um só indivíduo ou por poucos exemplares.

As sementes dessa espécie são usadas na confecção de artigos de bijuteria (pulseiras, brincos e colares) por possuírem intensa coloração vermelha, com uma pequena mancha negra num dos lados. Além de serem, na medicina popular, tostadas ou trituradas na forma de chá para dores na bexiga e como contraceptivos.

A árvore proporciona ótima sombra e é bastante ornamental, podendo ser usada na arborização de ruas e avenidas, pode também ser utilizada em plantios destinados à recomposição de áreas degradadas de preservação permanente e na restauração de ambientes ripários, em locais sob condições de encharcamento.



Fotos: Robson D. Ribeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br>>

Fabaceae

Senna macranthera (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby Fedegoso

A *Senna macranthera* é conhecida popularmente como fedegoso, é uma árvore nativa e não endêmica do Brasil, ocorrendo na Caatinga, no Cerrado e na Mata Atlântica. Pertence à família Fabaceae.

É uma planta monóica, que se reproduz por autogamia e geitonogamia e, com menos frequência, por xenogamia é frequentemente polinizada por abelha mamangava (*Bombus morio*) e *Centris (Melanocentris) dorsata*, e ocasionalmente por *Xylocopa* spp., *Xylocopa frontalis* e *Exomalopsis* spp.

É uma espécie muito importante ecologicamente, sendo característica de formações secundárias (capoeiras e capoeirões). É recomendada para plantios mistos a pleno sol e para sombreamento em pastagens por apresentar copa regular, propiciando sombra média, dando um diâmetro de sombra de 3 a 5 m.

Possui importância apícola, medicinal e paisagística. A raiz dessa espécie é considerada antídoto para vários venenos, podendo ser usada, também, como preventivo contra a febre palustre. As folhas são usadas em forma de cataplasma no combate à inflamações. É usada também no tratamento de reumatismo, asma, anemias, afecções de garganta e moléstias de fígado. É ainda tônica e antiabortiva.



Fotos: Jeany Dare e Mauricio Mercadante. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/mercadanteweb>>

Fabaceae

Senna multijuga (Rich.) H.S.Irwin & Barneby

Pau cigarra

Pertence à família Fabaceae, possui inúmeros nomes populares, sendo pau-cigarra o mais comum no Espírito Santo. É nativa e não endêmica, ocorrendo na maioria dos estados brasileiros.

Senna é um nome antigo que significa planta medicinal e *multijuga* se refere às folhas que apresentam grande número de jugas (foliólulos).

Possui flores hermafroditas, sendo polinizada principalmente por abelhas e pequenos insetos. A dispersão de seus frutos e sementes é autocórica, principalmente, barocórica, por gravidade.

Apresenta grande agressividade, ocorrendo na vegetação secundária como capoeirinhas e capoeiras, onde aparece abundantemente e formando, às vezes, uma vegetação homogênea. Pode ser plantada a pleno sol, em plantio puro; em plantio misto, visando tanto produção madeireira como recuperação de ecossistemas degradados.

A casca dessa espécie produz um corante muito usado em tinturaria, além de taninos utilizados em curtumes e resina (extraída após fermento do tronco). Pode ainda ser utilizada como forragem para animais, na arborização urbana e no reflorestamento para recuperação ambiental. O pau-cigarra é muito procurado por tatus, que fazem buracos na base do tronco em busca de ninfas de cigarras que ficam escondidas no solo para seu alimento.



Fotos: Forest & Kim Starr Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/97499887@NO6/>> e Joao Paulo Maçaneiro. Disponível em: <<https://floradigital.ufsc.br>>

Fabaceae
Swartzia oblata R.S.Cowan
Sangue de burro

Pertence à família Fabaceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica dos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. É popularmente conhecida como sangue-de-burro.

Ocorre preferencialmente na mata primária e em capoeirões de terrenos de encosta ou de fundo de vales. Apresenta frequência baixa, com dispersão descontínua e irregular.

Seus frutos são muito consumidos por aves e roedores e possui qualidades ornamentais sendo recomendada para arborização urbana.

Estudos mostraram a eficácia da *Swartzia oblata* contra formas promastigotas de *Leishmania* (L.) *amazonensis*.



Fotos: Mariana Spala.

Fabaceae

Swartzia simplex (Sw.) Spreng.

Pertence à família Fabaceae, é uma espécie nativa do Brasil que ocorre na Mata Atlântica dos estados da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Existem três variedades para a espécie (var. *simplex*, var. *continentalis* e var. *grandiflora*). É conhecida popularmente como "fruto-de-urubú".

As folhas de *S. simplex* var. *grandiflora* são utilizadas na Colômbia para inflamações no fígado. Análises químicas mostraram a presença de saponinas e alcalóides nos extratos dessa espécie, além do potencial moluscicida.



Fotos: Alex Popovkin, Bahia, Brazil. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/plants_of_russian_in_brazil/>

Lauraceae

Nectandra oppositifolia Nees & Mart.

Canela ferrugem

Pertence à família Lauraceae, é nativa e não endêmica do Brasil. Ocorre em estados do Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, sendo popularmente conhecida como canela-ferrugem no Sudeste.

Essa espécie pode atingir de 15 a 20m de altura, possui folhas simples, rijas e ferrugíneo-pubescentes na superfície abaxial, característica que explica o seu nome popular. Ocorre, preferencialmente, em florestas primárias menos densas, desde as planícies arenosas da restinga até as florestas em altitude de 800m.

É uma planta pioneira, podendo ser utilizada na recomposição de matas ciliares, na arborização urbana e no paisagismo. Além de seus frutos serem muito procurados por pássaros. Seus frutos possuem pedúnculo bem destacado e odor forte característico.



Fotos: Joao Paulo Maçaneiro. Disponível em: <<https://floradigital.ufsc.br>>

Lauraceae

Persea willdenovii Kosterm.

Abacateiro do mato

Persea willdenovii pertence à família Lauraceae, é nativa e endêmica do Brasil. Podemos encontrar essa espécie no Cerrado e na Mata Atlântica de estados do Sul, Sudeste e Nordeste.

É conhecida popularmente como abacateiro-do-mato. *Persea willdenovii* é uma árvore semidecídua com uma copa grande, densa e arredondada, podendo crescer de 10 a 20 metros de altura. O caule é reto, cilíndrico, possui uma casca grossa e pode ter de 40 a 60cm de diâmetro



Fotos: Martins Molz. Disponível em:
<<https://floradigital.ufsc.br>>



Os exemplares encontrados no estado do Rio Grande do Sul estão sob constante ameaça devido, principalmente, ao amplo emprego na medicina popular. A casca, os ramos e as folhas são amplamente utilizados na fabricação de fitoterápicos.

Na medicina popular é utilizada como adstringente, depurativo do sangue, diurético, analgésico, antitérmico, carminativo, antidisentérico, nos cálculos renais, bronquites, anticasca, reumatismos e amenorreia. Além, de na forma de emplastro, para cicatrizar ferimentos. Além de seu uso medicinal, é recomendada para uso ornamental e paisagístico em geral.

Lecythidaceae

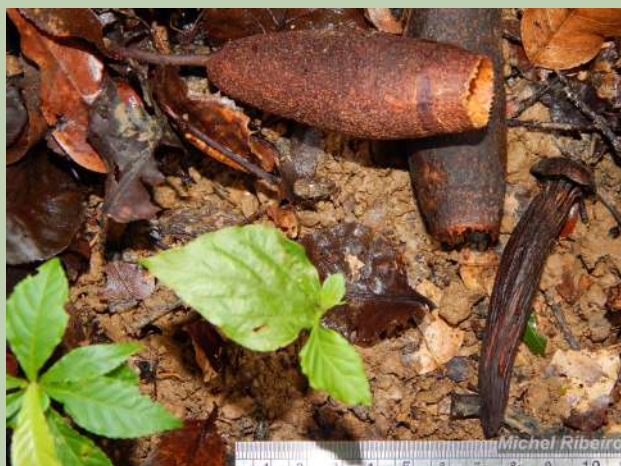
Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze

Jequitibá branco

Pertence à família Lecythidaceae, é uma espécie nativa do Brasil sendo encontrada em estados do Nordeste, Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. É conhecido popularmente como jequitibá-branco.

Cariniana é uma homenagem ao príncipe Eugene de Savóia – Carignan, *estrellensis* é uma provável referência à Serra da Estrela, no Estado do Rio de Janeiro, localidade típica dessa espécie. O nome comum jequitibá é proveniente do tupi e, provavelmente, significa “árvore-de-tronco-rijo”. O jequitibá-branco ocorre em capoeirões e na floresta secundária. Os frutos do jequitibá-branco, conhecidos popularmente por pitos, são usados para confeccionar cachimbos rústicos, além de serem alimento para macacos-bugios (*Alouatta fusca*). Suas flores são melíferas, a casca é um poderoso adstringente e tem grande poder desinfetante sendo recomendada para as inflamações das mucosas e faringite. É útil ainda no tratamento das diarreias, anginas e em lavagens vaginais, nos casos de leucorreia, metites e outras doenças do útero e dos ovários.

É recomendada para a arborização urbana e para restauração de mata ciliar em solos bem drenados ou com inundações periódicas de rápida duração.



Fotos: Michel Ribeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br>>

Malvaceae

Ceiba speciosa (A.St.-Hil.) Ravenna

Paineira

Ceiba speciosa pertence à família Malvaceae, é uma espécie nativa do Brasil e pode ser encontrada na maior parte do nosso território. É popularmente conhecida como paineira.

É uma planta hermafrodita que possui como polinizadores borboletas, beija-flores e morcegos. As flores da paineira são melíferas, com produção de pólen.

Devido a beleza de suas flores possui potencial de utilização no paisagismo, podendo ser plantada em parques e jardins. As folhas dessa espécie fazem parte da alimentação do macaco-bugio (*Alouatta fusca*), além de atraírem aves, sendo então recomendada para a restauração florestal. Quanto ao grupo sucessional é classificada como secundária inicial. É comum encontrar exemplares de paineira isolados, fora da mata. Não é uma árvore muito longa nem abundante, mas de ampla distribuição.



Na parte interna, a casca da paineira contém fibras longas, muito resistentes, utilizadas pelos indígenas para confeccionar sacos, bolsas e outros objetos de uso doméstico.

A semente contém de 15% a 20% de óleo, semelhante ao de algodão, aproveitável para fins industriais e alimentares. A paineira apresenta grande valor econômico pelas excelentes características e alto preço de paina, que já chegou a ser exportada. A paina não é uma fibra, no sentido restrito da palavra, mas um pêlo.

Da resina e da casca, cozidas juntas, faz-se uma espécie de emplastro, muito usado em medicina popular, no tratamento de hérnia, ínguas e queimaduras. As flores podem ser usadas no combate à asma. Os índios de várias etnias do Paraná e de Santa Catarina usam as flores da paineira no tratamento da coqueluche, como calmante da tosse.



Fotos: João Augusto Bagatini e João Paulo de Maçaneiro. Disponível em: <<https://floradigital.ufsc.br/>>

Melastomataceae
Pleroma estrellense (Raddi) P.J.F.Guim. &
Michelang.
Quaresmeira

Pleroma estrellense pertence à família Melastomataceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre apenas da Mata Atlântica dos estados de Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Popularmente é conhecida como quaresmeira, devido ao fato de florescer no período da quaresma.

É uma espécie emergente do estrato arbóreo, pois alcança até 25 m de altura. Suas flores são grandes e vistosas, contrastando com o verde das florestas. Tem como característica marcante e utilizada na identificação os tricomas adpresso-ramificados na base, na face superior, e na face inferior foveolada a presença de tricomas estrelados na base.



Produz um número muito grande de pequenas sementes que são dispersas pelo vento. É uma espécie comum nas matas de encosta da Floresta Atlântica. Essa espécie possui potencial competitivo para se sobressair sobre espécies como *Pteridium arachnoideum* e *Brachiaria brizantha* e *Brachiaria decumbens*.



Fotos: Jeany Dare

Meliaceae

Melia azedarach L.

Cinamomo

Pertence à família Meliaceae, é uma espécie naturalizada que pode ser encontrada em praticamente todos os estados brasileiros. Possui muitos nomes populares, dentre eles os mais difundidos são: lírio da Índia, lilás da Índia e cinamomo.

É nativa da região Nordeste da Índia, mas atualmente pode ser encontrada em praticamente todos os países tropicais. Na sua região de origem é comumente utilizada como forragem para bovinos, ovinos e caprinos.

Na medicina popular suas folhas e flores são usadas para aliviar dores de cabeça. Apenas as folhas são utilizadas como anti-helmíntico, antilítico e diurético. É ainda utilizada para tratar doenças de pele, dor estomacal, desordens intestinais, doenças uterinas e cistites, além de ser diurético e febrífugo.

Essa espécie tem potencial para ser utilizada em arborização urbana e em recuperação de áreas degradadas.



Fotos: Daniel Grasel Disponível em:<<https://floradigital.ufsc.br/>> e Forest and Kim Starr. Disponível em:<<https://www.flickr.com/photos/97499887@N06/>>

Myrtaceae

Myrcia splendens (Sw.) DC.

Guamirim

Myrcia splendens pertence à família Myrtaceae, é nativa e não endêmica do Brasil, podendo ser encontrada em todos os estados do Brasil. É popularmente conhecida como guamirim ou folhamiúda.

Apesar de apresentar grande plasticidade morfológica, a espécie pode ser facilmente reconhecida pelas folhas elípticas, ovadas ou lanceoladas, tomentosas a glabrescentes, com nervura central completamente aplainada ou canelada próximo ao pecíolo e nervuras laterais com ângulo de 80°-85° com a nervura central.

Myrcia splendens é comumente encontrada em floresta ciliar, capões, campo rupestre, floresta semidecidual, de galeria, cerrado e cerradão.

O binômio *M. splendens* conta com ca. de 150 sinônimos, dentre os quais é importante citar *M. fallax* (Rich.) DC. e *M. rostrata* DC., os mais conhecidos.

O óleo essencial das hastes de *M. splendens* possui atividade antibacteriana.



Fotos: Francisco Farronay Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/>> e João Paulo Maçaneiro. Disponível em: <<https://floradigital.ufsc.br/>>

Primulaceae

Myrsine lineata (Mez) Imkhan.

Copororoça

Pertence à família Primulaceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica dos estados do Sudeste e Sul do país.

Capororoça é o nome vulgar brasileiro das árvores do gênero *Myrsine* L. (antigamente *Rapanea*). São árvores de porte pequeno a médio, portando folhas simples com margens inteiras em disposição alternas no caule. Possui estruturas secretoras lineares alongadas e bem marcadas na face abaxial da lâmina foliar. Os frutos da planta são drupáceos.



Fotos: LAVEG. Disponível em:<<https://atlasvegufsc.wixsite.com/ufsc/myrsine-lineata>>.

Para as aves as copororocas representam uma fonte alimentar abundante: em um ramo pe comum haver mais de 100 frutos, os principais passáros a se alimentarem delas são *Turdus leucomelas*, *Elaenia sp.* e *Colaptes melanochloros*. Seu valor é ainda mais notado nas espécies que frutificam no inverno e nos campos de altitude, nos quais a oferta de frutos é geralmente limitada.

Rutaceae

Zanthoxylum rhoifolium Lam.

Mamica de porca

Pertence à família Rutaceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada em todos os estados do país. Possui diversos nomes populares, dentre eles os mais comuns no Espírito Santo são: mamica-de-cadela e mamica-de-porca.

Habita principalmente na mata pluvial da encosta atlântica e na floresta semidecídua de altitude. É frequente em clareiras de matas primárias e em vários estágios de sucessão secundária. Devido ao formato da copa e por proporcionar boa sombra é indicada para utilização em arborização urbana.



Seus frutos são consumidos por algumas espécies de aves, sendo portanto indicada para a utilização em reflorestamentos mistos destinados ao repovoamento de áreas degradadas de preservação permanente. Suas flores são melíferas.



A raiz é utilizada na medicina popular como tônica, estomáquica e febrífuga enquanto a casca é recomendada para dispepsias, flatulências e cólicas. O suco das folhas é utilizado contra dores de ouvido quando aplicado topicamente.

Solanaceae

Solanum cinnamomeum Sendtn.

Joá Grande

Pertence à família Solanaceae, é uma espécie nativa e endêmica do Brasil, ocorre na Mata Atlântica de Estados do Nordeste, Sudeste e Sul do país. É conhecida popularmente como coeramamaçu, pau-mercúrio ou joá-grande.

Possui folhas com cor verde na superfície adaxial (superior) e esbranquiçada (discolor) na superfície abaxial (inferior). Os frutos são redondos de coloração verde e branca.

Os frutos dessa espécie servem de alimento para *Callicebus nigrifrons* (macaco Guigó).



Fotos: Jeany Dare

Urticaceae

Cecropia glaziovii Snethl.

Embaúba vermelha

Pertence à família Urticaceae, é nativa e endêmica do Brasil. Pode ser encontrada na Mata Atlântica de estados do Nordeste, Sudeste e Sul do país. É popularmente conhecida como embaúba-vermelha. O nome genérico *Cecropia* vem de *Cecrops*, “filho da Terra, meio homem e meio serpente, ou chamar (caule oco para instrumento de sopro)”; o epíteto específico *glaziovii* é em homenagem ao grande botânico Glaziovii.



Espécie típica de encostas montanhosas do Domínio da Mata Atlântica. A estípula terminal avermelhada e os ápices dos lobos foliares obtusos são características marcantes e que a diferenciam das espécies simpátricas do mesmo gênero. É uma espécie pioneira que só vai germinar em locais abertos, como clareiras e bordas de matas.

Seus frutos são comestíveis, sendo também procurados pelos animais, principalmente por pássaros e morcegos, além de seus brotos, folhas e inflorescência que são procurados pelo bicho-preguiça (*Dasyus* sp.). É utilizada na medicina popular contra bronquite e tosse, sendo também hipotensor e diurético. Apresenta potencial ornamental podendo ser utilizada em paisagismo. Por ocupar clareiras é indicada para recuperação da floresta, após alguma perturbação. É também indicada na restauração de ambientes fluviais ou ripários.



Fotos: Alex Popovkin, Bahia, Brazil. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/plants_of_russian_in_brazil>

ERVAS

Acanthaceae

Ruellia makoyana Jacob-Makoy ex Closon

Ruellia makoyana pertence à família Acanthaceae, é uma espécie nativa do Brasil, que ocorre na Mata Atlântica dos estados da região Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) conhecida como planta-veludo

O gênero *Ruellia* L. é facilmente reconhecido pelas flores com corola pentâmera, zigomorfas, estigma bilobado com o lobo posterior reduzido em relação ao lobo anterior, pela presença de quatro estames bitecas com tecas paralelas, sem a presença de mucro na base das tecas (múticas). *Ruellia makoyana* possui ainda como característica marcante, folha discolor, com superfície adaxial variegada e abaxial roxa.



Fotos: Jeany Dare

Economicamente, o gênero *Ruellia* tem importância no mercado de plantas ornamentais, principalmente pelo tamanho e variação das cores da corola. Ecologicamente apresenta importância na produção de néctar para seus polinizadores como beija-flores, morcegos, borboletas, mariposas e abelhas.

Anemiaceae

Anemia nervosa Pohl

É uma samambaia pertencente à família Anemiaceae. *Anemia nervosa* é uma erva terrícola ou rupestre nativa e endêmica do Brasil que ocorre no Cerrado e na Mata Atlântica de estados do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do país.



Fotos: Jeany Dare

Asteraceae

Bidens pilosa L.

Picão preto



Essa espécie pertence à família Asteraceae, não é nativa do Brasil, porém já é considerada naturalizada. Possui ampla distribuição, ocorrendo em todas as regiões do Brasil sendo popularmente conhecida como picão-preto.

É utilizada como erva e como ingrediente em chás ou medicamentos fitoterápicos. Seus brotos e folhas, secos ou frescos, são utilizados em molhos e chás. A infusão das folhas é reconhecida no tratamento de icterícia pela ANVISA, contudo na medicina popular ela é utilizada para muitas enfermidades, como dores de estômago e cólica.



É considerada uma praga invasora tanto de culturas anuais como de perenes do Centro Sul do Brasil. É uma planta que multiplica-se por sementes e cresce espontaneamente em beiras de estrada, terrenos baldios e lavouras de todo o território brasileiro sendo resistente às mais diferentes adversidades com boa produção de sementes, eficientes mecanismos de dispersão de sementes e grande longevidade das mesmas.

Fotos: Forest Forest and Kim Starr. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/97499887@No6/>> e Michael De Bona. Disponível em: <<https://floradigital.ufsc.br/>>

Bromeliaceae

Pitcairnia flammea Lindl.

Bromélia

Pertence à família Bromeliaceae, é uma erva nativa e endêmica do Brasil. Pode ser encontrada no Cerrado e na Mata Atlântica da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

É uma espécie terrestre de porte herbáceo, rizomatosa, entouceirada, com aproximadamente 70 cm de altura e com florescimento vistoso. As folhas são lineares, estreitas, longas, coriáceas, sem espinhos e dispostas em roseta partindo da base. As inflorescências são eretas, se elevam acima da folhagem, com flores pequenas, alongadas, vermelhas e vistosas. Seu florescimento ocorre em todo verão.

Devido à beleza de suas inflorescências possui grande potencial ornamental.



Fotos: Saraiva, D.P. Disponível em:<<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>

Cyperaceae

Scleria panicoides Kunth

Pertence à família Cyperaceae, é nativa do Brasil e ocorre em estados do Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul do país.

O Genérico “*Scleria*” deriva do grego que significa “dureza” em alusão ao aquênio crustoso dessas plantas.

Essa espécie caracteriza-se por possuir inflorescência paniculada e aquênio hispido nas saliências da ornamentação.



Fotos: Maria Ignez Calhau. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ignezmotta>>



Fotos: Luís A. Funez. Disponível em: <<https://floradesantacatarina.wordpress.com/cyperaceae/scleria-panicoides/>>

Cyperaceae

Rhynchospora exaltata Kunth

Pertence à família Cyperaceae, é nativa do Brasil e ocorre em quase todos os estados, com exceção do Rio Grande do Sul.

É uma espécie característica de áreas abertas com árvores baixas e espaçadas.



Fotos: Mauricio Mercadante. Disponível em: <<https://floradigital.ufsc.br/>>

Heliconiaceae

Heliconia angusta Vell.

Pertence à família Heliconiaceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica dos seguintes estados: Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Possui grande potencial ornamental devido a algumas características como época de floração (julho a dezembro) e inflorescência ereta, o que possibilita sua utilização como flor de corte.

Essa espécie floresce por um longo período, de 120 a 180 dias, sendo uma importante fonte de néctar para os beija-flores.



Fotos: Christy Gallois. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/grenzeloos1>>

Piperaceae

Peperomia alata Ruiz & Pav.

Erva-de-jabuti

Peperomia alata pertence à família Piperaceae, conhecida popularmente como erva-de-jaboti é uma erva nativa que pode ser encontrada na maioria dos estados brasileiros. O nome *Peperomia* deriva do grego, *peperi* (pimenta) *homoios* (similar), que significa similar a pimenta. O nome do epíteto foi designado em referência aos ramos que possuem alas, do latim *alatus*, (alado).

Peperomia alata é uma erva com folhas geralmente ovado-lanceoladas e facilmente identificada devido aos ramos alados. Pode ser encontrada no interior e nas bordas de matas úmidas e próximas a rios, desde que não haja intensa incidência solar.

É uma planta usada como medicinal em algumas regiões do mundo devido a ação antimalárica.



Fotos: Maria Ignez Calhau. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ignezmotta>> e Micheline Carvalho-Silva. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>

Poaceae

Ichnanthus bambusiflorus (Trin.) Döll

Essa espécie pertence à família Poaceae, é nativa do Brasil podendo ser encontrada em estados do Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul do país.

Ichnanthus bambusiflorus ocorre principalmente em margens de córregos e rios, em bordos de matas de cipó e de encosta e campos rupestres, ocorrendo também em ecótonos sobre paredões de encosta das serras e na transição entre caatinga e cerrado de altitude.



Fotos: Christian da Silva. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br>>

Polygalaceae

Polygala paniculata L.

Vick

Pertence à família Polygalaceae, é nativa do Brasil e ocorre em grande parte dos estados. É popularmente conhecida por vários nomes, sendo os mais difundidos gelol, vick, barba-de-são-pedro e vassourinha-branca.

É utilizada na medicina popular brasileira para tratar traumatismos, luxações, asma, possui efeito expectorante e atividade anti-inflamatória. É utilizada na forma de chá, óleo essencial ou em emplasto quando utilizada para tratar traumatismo e luxações. Suas folhas possuem propriedades antiblenorrágica, vomitiva, purgativa e diurética.

Dessa espécie foram isolados alguns derivados cumarínicos, além de salicilato de metila em suas raízes, que é responsável pelo cheiro característico dessa espécie. Estudos mostraram que o extrato hidroalcoólico dessa espécie possui potencial antidepressivo.



Fotos: Forest and Kim Starr. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/97499887@No6/>>

Rubiaceae

Coccocypselum lanceolatum (Ruiz & Pav.) Pers.

Feijão azul

Pertence à família Rubiaceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada em grande parte dos Estados Brasileiros. É uma planta muito bonita com frutos azuis sendo conhecida popularmente como anil, feijá azul, piriirica emaçã de fada

Caracteriza-se pela presença de indumento velutino em suas folhas, inflorescências pedunculadas e cálice reflexo.



Fotos.: Jeany Dare

Zingiberaceae

Renealmia brasiliensis K. Schum.

Paco-seroca

Pertence à família Zingiberaceae, é nativa e endêmica do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica dos estados de Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo. Encontra-se classificada como em perigo de extinção (EN). É conhecida popularmente como Paco-seroca, Pacová-catinga e Pacová.

Apresenta propriedades medicinais sendo utilizada como anti-helmíntica, cicatrizante, fortificante e carminativo. A supressão de populações para o uso medicinal, somada à destruição da Mata Atlântica são os principais fatores para essa espécie estar classificada como em perigo de extinção.

A decocção ou infusão das folhas dessa espécie é utilizada para aliviar dores de cabeça e musculares, já a decocção dos rizomas possui propriedades anti-inflamatórias. As folhas e rizomas em forma de pasta pode ser utilizada para combater picadas de serpentes.



Fotos.: Karla Maria Pedra de Abreu

LIANAS

Dilleniaceae

Davilla rugosa Poir.

Cipó-caboclo

Pertence à família Dilleniaceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada em estados do Norte, Nordeste, Sudeste e Sul do país. É popularmente conhecida como Cipó-caboclo.

É uma espécie de importância na medicina popular. As folhas são utilizadas contra orquites de qualquer natureza, sendo ainda útil nas linfites, inchaço das pernas, edemacia dos membros, úlceras dos membros, úlceras crônicas e atônicas, além de possuir grande poder adstringente.

A raiz e os ramos são purgativos e, em doses pequenas, podem ser empregados como tônico e adstringente (raiz) e como diurético (ramos). A planta toda é considerada estimulante e afrodisíaca.



Fotos: João Paulo Maçaneiro. Disponível em:
<<https://floradigital.ufsc.br/>> e Maria Ignez Calhau. Disponível em:
<<https://www.flickr.com/photos/ignezmotta>>

PALMEIRAS

Arecaceae

Euterpe edulis Mart.

Palmito Juçara

Euterpe edulis é uma espécie pertencente à família Arecaceae popularmente conhecida como juçara. É nativa do país, podendo ser encontrada na Mata Atlântica e no Cerrado nos estados do Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. É a espécie símbolo da Mata Atlântica.

O estipe da palmeira é utilizado para construções rurais. O principal e mais conhecido produto da espécie é o 'palmito' adocicado, consumido fresco ou em conserva. Devido à intensa exploração da palmeira em populações nativas visando a comercialização do palmito, em algumas regiões, como no estado do Espírito Santo, a espécie está em risco de extinção.

Uma forma de explorar de forma sustentável a palmeira é o consumo de seus frutos, que produzem uma polpa semelhante a do açaí (*Euterpe oleracea*), entretanto mais rica em antocianinas e compostos antioxidantes. Portanto, a Juçara é considerada uma PANC (Planta Alimentícia não Convencional).



Fotos: Joaõ Paulo Zorzaneli.



SUBARBUSTOS

Asteraceae

Baccharis crispa Spreng.

Carqueja

Pertence à família Asteraceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada em estados do Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul do país. É popularmente conhecida como carqueja.

A decocção das partes aéreas desta planta é utilizada para tratar problemas digestivos, além de ser utilizada externamente como anti séptica. Há relatos também de seu uso no tratamento de reumatismo. Encontra-se na lista de plantas medicinais liberadas para a comercialização e emprego em fitoterápicos do Sistema Único de Saúde (SUS). Geralmente é extraída de maneira irregular, fator que coloca em risco as populações naturais da espécie.



Seus constituintes químicos são utilizados na indústria farmacêutica para a elaboração de vários produtos. É utilizada na indústria cervejeira como substituta do lúpulo e na aromatização de refrigerantes e licores.

Fotos: Mauricio Mercadante. Disponível em: <<https://floradigital.ufsc.br>>l

Asteraceae

Baccharis pingraea DC.

Arnica

Pertence à família Asteraceae, é nativa do Brasil e ocorre em estados no Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. É popularmente conhecida como arnica.

Possui face abaxial pontuada de glândulas, e margem das folhas serradas. Suas inflorescências são capítulos dispostos em corimbo, pedunculados. Floresce de maio a novembro.

As folhas e o caule dessa espécie possui propriedades anti-reumático, anti-inflamatório, anticancerígeno e anti-sifilítico.



Fotos: Gustavo Heiden. Disponível em:
<<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>

Asteraceae

Cyrtocymura scorpioides (Lam.) H. Rob.

Erva de São Simão

Pertence à família Asteraceae, é nativa do Brasil, podendo ser encontrada na maioria dos estados. É conhecida popularmente como piracá, enxuga ou erva-de-São Simão.

É encontrada comumente em pastagens, terrenos baldios e beira de estradas. Suas folhas são utilizadas externamente na medicina popular na forma de extrato etanólico para tratar enfermidades de pele incluindo feridas crônicas e úlceras. Essa utilização deve-se ao potencial antibacteriano e antifúngico dessa espécie.

Em forma de chá é utilizada para tratar úlceras gástricas e como sedativo. Na forma de banho para hemorróidas e leucorréia.



Fotos: Alex Popovkin, Bahia, Brazil. Disponível em: <<https://www.flickr.com/search/people?username=Alex%20Popovkin>> e Forest and Kim Starr. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/97499887@N06/>>

Asteraceae

Lepidaploa canescens (Kunth) H. Rob.

Pertence à família Asteraceae, é nativa do Brasil e ocorre apenas na Mata Atlântica dos estados do Sudeste.

É encontrada em florestas úmidas, muito úmidas, pluviais e beira de estradas, com altitudes variando de 200–2200 m. É um subarbusto, subereto a escandente, possui folhas com lâminas ovadas a lanceoladas-elípticas ou lanceoladas. Inflorescências terminais, os cimes laterais escorpióides. Flores com corola rosa ou lilás.

É utilizada na medicina popular para tratar hemorragias e inflamações.



Fotos: Ecos del Bosque. Disponível em: <<https://ecosdelbosque.com/plantas/lepidaploa-canescens>>

Rubiaceae

Borreria poaya (A.St.-Hil.) DC.

Poaia-do-campo

Pertence à família Rubiaceae, é nativa do Brasil e pode ser encontrada em estados de todas as cinco regiões. É popularmente conhecida como poaia-do-campo, poaia-rasteira e poaia-do-arador.

É utilizada na medicina popular em forma de chá em casos de bronquite, asma e pneumonia.



Fotos: Mauricio Mercadante. Disponível em: <<https://floradigital.ufsc.br/>>l

LISTA DE ESPÉCIES

- Albizia lebbbeck* Benth.
Alchornea triplinervia (Spreng.) Müll.Arg.
Anemia nervosa Pohl
Asplenium sp
Baccharis crispa Spreng.
Baccharis pingraea DC.
Bauhinia longifolia (Bong.) Steud.
Bidens pilosa L.
Blechnum sp
Borreria poaya (A.St.-Hil.) DC.
Cabrlea canjerana (Vell.) Mart.
Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze
Casearia sp.
Clidemia D.Don
Clusia organensis Planch. & Triana
Coccocypselum lanceolatum (Ruiz & Pav.) Pers.
Croton floribundus Spreng.
Cuphea hyssopifolia Kunth
Cyrtocymura scorpioides (Lam.) H. Rob.
Dalbergia sp.
Davilla rugosa Poir
Guapira opposita (Vell.) Reitz
Gutteria sellowiana Schtdl.
Handroanthus serratifolius (Vahl) S.Grose
Hedyosmum brasiliense Mart. ex Miq.
Heliconia angusta Vell.
Heterocondylus sp. R.M. King
Ichnanthus bambusiflorus (Trin.) Döll
Inga laurina (Sw.) Willd.
Inga marginata Willd.
Inga sessilis (Vell.) Mart.
Laplacea fruticosa (Schrad.) Kobuski
Leandra carassana (DC.) Cogn.
Lepidaploa canescens (Kunth) H. Rob.
Machaerium sp.
Maytenus sp
Melia azedarach L.
Miconia latecrenata (DC.) Naudin
Miconia sp
Mikania sp
Mollinedia sp
Myrcia sp
Myrcia splendens (Sw.) DC.
Myrsine lancifolia Mart.
Myrsine lineata (Mez) Imkhan.
Nectandra oppositifolia Nees
Ocotea sp
Ormosia arborea (Vell.) Harms
Ouratea sp
Palicourea sp.
Pera heteranthera (Schrank) I.M.Johnst.
Persea willdenovii Kosterm
Piper sp
Piptocarpha macropoda (DC.) Baker
Piptocarpha oblonga (Gardner) Baker
Pitcairnia flammea Lindl.
Pleroma estrellense (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.
Polygala paniculata L.
Psychotria nuda (Cham. & Schtdl.) Wawra
Psychotria vellosiana Benth.
Renealmia brasiliensis K. Schum
Rhynchospora exaltata Kunth
Ruellia makoyana Jacob-Makoy ex Closon
Scleria panicoides Kunth
Senecio brasiliensis (Spreng.) Less.
Senna macranthera (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby
Senna multijuga (Rich.) H.S.Irwin & Barneby
Solanum swartzianum Roem. & Schult.
Sorocea bonplandii (Baill.) W.C.Burger et al.
Swartzia simplex (Sw.) Spreng.
Swartzia oblata R.S.Cowan
Swartzia sp
Terminalia mameluco Pickel
Tibouchina sp
-

LISTA DE ESPÉCIES

Tilesia baccata (L.) Pruski

Vernonanthura sp.

Vismia martiana Reichardt

Vitex sp

Vittaria sp

Xyris sp. Gronov. ex L.

Zanthoxylum rhoifolium Lam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRINO, Camilla Ribeiro. Caracterização estrutural, fitoquímica e atividade biológica de extratos foliares de espécies de *Palicourea* Aubl.(Rubiaceae) da Mata Atlântica. 2016.

ALMEIDA, C. et al. Espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss.): saber de erveiros e feirantes em Pelotas (RS). Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, v. 17, p. 722-729, 2015.

ALMEIDA, L. M. et al. Efeito citotóxico do extrato aquoso de folhas de *Vernonanthura polyanthes*. Brazilian Journal of Biology, v. 81, p. 575-583, 2020.

ARAÚJO, Cíntia Menezes Lima Ramos; LIMA, Rita Baltazar de. Melastomataceae na Área de Proteção Ambiental Tambaba, Litoral Sul da Paraíba, Brasil. Rodriguésia, v. 64, n. 1, p. 137-149, 2013.

Árvores do Brasil. Disponível em:<<https://www.arvores.brasil.nom.br/new/tapi/index.htm>>. Acesso em: 17 Janeiro de 2022.

AUGUSTO, Danielle Camargo Celentano et al. Utilização de esgotos domésticos tratados através de um sistema biológico na produção de mudas de *Croton floribundus* Spreng.(capixingui) e *Copaifera langsdorffii* Desf.(copaíba). Revista Árvore , v. 27, p. 335-342, 2003.

Baccharis serrulata in Ficha de Espécies do Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBr). Disponível em: <https://ferramentas.sibbr.gov.br/ficha/bin/view/especie/baccharis_serrulata>. Acesso em 11-04-2022.

BARTH, EF et al. Triagem biológica de extratos de folhas e cascas do caule de *Croton floribundus* Spreng.(Euphorbiaceae). Revista Brasileira de Biologia , v. 78, p. 601-608, 2018.

BAUMGRATZ, José Fernando A. et al. Melastomataceae na Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro, Brasil: aspectos florísticos e taxonômicos. Rodriguésia, v. 57, p. 591-646, 2006.

BEPPLER, Larissa May et al. Efeito do extrato hidroalcoólico da planta *Polygala paniculata* no modelo de fibromialgia induzido pela reserpina em camundongos: avaliação sensorial e emocional. 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIGIO, Narcísio Costa. As Espécies de *Pera mutis* (Euphorbiaceae) na Amazônia brasileira. 2008. Tese de Doutorado. UFRA/MPEG.

BIGIO, Narcisio Costa; SECCO, Ricardo S. As espécies de *Pera* (Euphorbiaceae ss) na Amazônia brasileira. *Rodriguésia*, v. 63, p. 163-207, 2012.

BORGES, Mariana Ribeiro et al. Oferta de frutos e frugivoria por aves, em espécies do gênero *Miconia* RUIZ & PAV. (Melastomataceae) em duas áreas do Cerrado. 2010.

Brasília: Embrapa Informações Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2003.

BRIGHENTI, A. M. et al. Plantas Tóxicas em Pastagens: (*Senecio brasiliensis* e *S. madagascariensis*)- Família: Asteraceae. Embrapa Gado de Leite-Comunicado Técnico (INFOTECA-E), 2017.

BROTTO, Marcelo Leandro. Estudo taxonômico do gênero *Ocotea* Aubl. (Lauraceae) na floresta ombrófila densa ano estado do Paraná, Brasil. 2010.

BRUNELLI, Erika dos Santos. Avaliação do potencial leishmanicida de plantas utilizadas por moradores do Quilombo Cambury, Ubatuba-São Paulo, Brasil. 2021.

CAMARGO, Eduardo Antonio de et al. O gênero *Leandra*, seções *Carassanae*, *Chaetodon*, *Niangae*, *Oxymeris* e *Secundiflorae* (Melastomataceae) no estado do Paraná. *Rodriguésia*, v. 60, p. 595-631, 2009.

CARMO, João Afonso Martins do; SIMÕES, André Olmos. Rubiaceae no Município de Camanducaia, Serra da Mantiqueira, Minas Gerais: sinóps e chave interativa¹. *Rodriguésia*, v. 68, p. 1411-1429, 2017.

CARRIJO, Tatiana T. et al. Flora do Espírito Santo: Primulaceae. *Rodriguésia*, v. 68, p. 1829-1856, 2017.

CARVALHO, L.R. et al. Classificação de sementes florestais quanto ao comportamento no armazenamento. *Revista Brasileira de Sementes*, v. 28, n. 2, p. 15-25, 2006.

CARVALHO, P.E.R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, vol. 1. Brasília: Embrapa Informações Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, P.E.R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, vol. 2. Brasília: Embrapa Informações Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2006.

CARVALHO, P.E.R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, vol. 3. Brasília: Embrapa Informações Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2008.

CARVALHO, P.E.R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, vol. 4. Brasília: Embrapa Informações Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2010.

CARVALHO, P.E.R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, vol. 5. Brasília: Embrapa Informações Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2014.

CHAGAS, Earl Celestino de Oliveira. O gênero *Miconia* Ruiz & Pav. (Melastomataceae) na floresta atlântica do Nordeste Oriental. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

CNCFlora. *Clusia organensis* in Lista Vermelha da flora brasileira versão 2012.2 Centro Nacional de Conservação da Flora. Disponível em <http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Clusia_organensis>. Acesso em 25 março 2022.

COSTA, Warlen Silva da et al. Anatomia da madeira e dendrocronologia de espécies arbóreas do gênero *Machaerium* Pers. (Leguminosae-Papilionoideae). 2014.

COUTO, Dayvid et al. ESTRUTURA DA REGENERAÇÃO NATURAL DE ESPÉCIES ARBÓREAS EM AMBIENTES ANTROPIZADOS LIMÍTROFE AO PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ, IBITIRAMA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, v. 10, n. 19, 2014.

DAS GRAÇAS LAPA WANDERLEY, MARIA. Flora da serra do cipó, Minas Gerais: Xyridaceae. Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo, p. 69-134, 2011.

DE ANDRADE NEVES, Nathália et al. Flavonols and ellagic acid derivatives in peels of different species of jaboticaba (*Plinia* spp.) identified by HPLC-DAD-ESI/MSn. Food chemistry, v. 252, p. 61-71, 2018.

DE ARAÚJO, S. A. C. et al. Usos potenciais de *Melia azedarach* L. (Meliaceae): um levantamento. Arquivos do Instituto Biológico, v. 76, p. 141-148, 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE FRANÇA BI, Ferreira CCH, Calil BJ, et al. Potencial biológico de plantas do gênero *Bauhinia*. Fazenda Rev Cubana. 2015;49(3):583-594.

DITTRICH, Vinícius Antonio de Oliveira. Estudos taxonômicos no gênero *Blechnum* L. (Pterophyta: Blechnaceae) para as regiões Sudeste e Sul do Brasil. 2005.

DOS SANTOS, A. E.; BARRETO JUNIOR, C.B.; KUSTER, R.M. Flavonoides e Atividade Antioxidante das Folhas de *Bauhinia longifolia* (Bong.) O Steud. 2017.

DOS SANTOS, Pedro Martin Lischinsky Alves. Melastomataceae no Parque Natural Municipal de São Lourenço, Santa Teresa, Espírito Santo, Brasil.

DUTRA, Saulo Moreira; SALIMENA, Fátima Regina Gonçalves; MENINI NETO, Luiz. Annonaceae na Serra Negra, Minas Gerais, Brasil. Rodriguésia, v. 63, p. 785-793, 2012.

EMBRAPA. Espinheira-santa: uma alternativa de produção para a pequena propriedade, Documentos, n.177, p.p. 32, 2006.

ESTEVAM, Charles S. et al. Constituintes químicos e avaliação preliminar in vivo da atividade antimalárica de *Ouratea nitida* Aubl (Ochnaceae). Revista Brasileira de Farmacognosia, v. 15, p. 195-198, 2005.

FELICIANO, Eveline Aparecida; SALIMENA, Fátima Regina Gonçalves. Solanaceae na Serra Negra, Rio Preto, Minas Gerais. Rodriguésia, v. 62, n. 1, p. 55-76, 2011.

FERNANDES, Valéria Fernandes. Estruturas secretoras foliares em *Casearia* Jacq: uma abordagem anatômica, ultraestrutural e taxonômica. 2016.

FERREIRA, Pedro Maria de Abreu; EGGERS, Lilian. Espécies de Cyperaceae do Centro de Pesquisa e Conservação da Natureza Pró-Mata, município de São Francisco de Paula, RS, Brasil. Acta Botanica Brasilica, v. 22, p. 173-185, 2008.

FERREIRA, Sidney Alberto N.; ANTONIO, Isaac COHEN; JANSEN, Mauro Roberto A. Biologia reprodutiva de *Clidemia hirta* (L.) D. Don (Melastomataceae). Acta Amazonica, v. 24, p. 183-188, 1994.

FERREIRA, Silvana da Costa; CARVALHO-OKANO, Rita Maria de; NAKAJIMA, Jimi Naoki. A família Asteraceae em um fragmento florestal, Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Rodriguésia, v. 60, p. 903-942, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIOR, Claudimar Sidnei et al. Aspectos da propagação de *Persea willdenovii* Kosterm.(Lauraceae). Rodriguésia, v. 58, p. 27-44, 2007.

FLORA DO BRASIL 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>>. Acesso em: 17 Janeiro de 2022.

FLORÃO, Angela et al. Óleos essenciais da espécie *Baccharis* (Asteraceae) têm efeitos anti-inflamatórios para células humanas. Journal of Essential Oil Research, v. 24, n. 6, p. 561-570, 2012.

GALLON, Marília Elias. Análise metabolômica aplicada à quimiotaxonomia de espécies do gênero *Vernonia* sensu lato (Vernonieae). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GILBERT, Benjamin et al. *Bidens pilosa* L. Asteraceae (Compositae; subfamília Heliantheae). 2013.

GOLDENBERG, Renato; REGINATO, Marcelo. Sinopse da família Melastomataceae na Estação Biológica de Santa Lúcia, Santa Teresa, Espírito Santo. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão, v. 20, n. 1, p. 33-58, 2006.

GONTIJO, Douglas da Costa. Abordagem etológica na busca de drogas vegetais com potencial ação antioxidante, antibacteriana, antimutagênica e antígenotóxica. 2012.

GROKOVISKI, Larissa; CERVI, Armando Carlos; TARDIVO, Rosângela Capuano. The genus *Piptocarpha* R. Br.(Asteraceae: Vernonieae) in the Paraná state, Brazil. Acta Botanica Brasilica, v. 23, n. 2, p. 486-498, 2009.

GUIMARAES, Keller Guilherme. Atividade antimicrobiana de espécies ocorrentes na Serra do Cipó e estudo fitoquímico de *Xyris pterygoblephara* Kunth. 2007.

GUIMARÃES, Paulo José Fernandes; MARTINS, Angela Borges. Seita *Tibouchina. Pleroma* (D. Don) Cogn.(Melastomataceae) no estado de São Paulo. Jornal Brasileiro de Botânica, v. 20, n. 1, p. 11-33, 1997.

HIGUCHI, Pedro et al. Composição florística da regeneração natural de espécies arbóreas ao longo de oito anosem um fragmento de floresta estacional semidecidual, em Viçosa, MG. Revista Árvore, v. 30, p. 893-904, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNGLOS, Fernanda Soares et al. Germinação, emergência e crescimento de *Ormosia arborea* (Vell.) Harms (Fabaceae) sob alagamento. 2016.

KING, Heterocondylus RM. Filogenia de Ayapaninae (Eupatorieae-Asteraceae), filogenia e revisão taxonômica de. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.

KLEIN-JÚNIOR, Luiz C. et al. Isolamento direcionado de alcaloides indol monoterpênicos de *Palicourea sessilis*. Journal of Natural Products, v. 80, n. 11, p. 3032-3037, 2017.

LATOH, Leandro Porto et al. Propagação vegetativa via estaquia caulinar de espécies do gênero *Tibouchina* spp. nas estações do ano. Revista Eletrônica Científica da UERGS, v. 4, n. 1, p. 17-41, 2018.

LIMBERGER, Renata P. et al. Óleos voláteis de espécies de *Myrcia* nativas do Rio Grande do Sul. Química nova, v. 27, p. 916-919, 2004.

LORENZI, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. V. 1; 1. ed. Nova Odessa, SP Instituto Plantarum, 1992.

LORENZI, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. V. 2; 1. ed. Nova Odessa, SP Instituto Plantarum, 1998.

Lorenzi, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. V. 3; 1. ed. Nova Odessa, SP Instituto Plantarum, 2009.

MACHADO, Adalva Lopes et al. Chemical constituents of *Vernonia scorpioides* (Lam) Pers. (Asteraceae). Química Nova, v. 36, n. 4, p. 540-543, 2013.

MARANGONI, Alessandra et al. Propagação ex vitro e in vitro de *Heliconia angusta* VELL. 2001.

MARINHO, Lucas Cardoso; AMORIM, André Márcio; DE QUEIROZ, Luciano Paganucci. Flora da Bahia: Hypericaceae. Sitientibus série Ciências Biológicas, v. 16, 2016.

MARIOT, M.P.; BARBIERI, R.L. Metabólitos secundários e propriedades medicinais da espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss. e *M. aquifolium* Mart.). Rev. Bras. Pl. Med., v. 9, n. 3, p. 89-99, 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARQUETE, Ronaldo; MANSANO, Vidal F. O gênero *Casearia* Jacq. no Brasil. *Revista de Biologia Neotropical*, v. 13, n. 1, p. 69-249, 2016.

MELLO, Francylli Mariana dos Santos et al. Atividade citotóxica do extrato bruto etanólico de *Spermacoce poaya* A. Saint-Hilaire (Rubiaceae) em células normais e tumorais in vitro. 2011.

MENDES, Fúlvio Rieli et al. Cipó-caboclo (*Davilla rugosa* Poiret,): revisão, dados fitoquímicos e farmacológicos iniciais. *J Bras Fitomed*, v. 3, p. 101-113, 2005.

MENDONÇA, Pietro Kiyoshi Maruyama; SILVA, Estevão Alves; MELO, Celine. Oferta qualitativa e quantitativa de frutos em espécies ornitocóricas do gênero *Miconia* (Melastomataceae). *Revista Brasileira de Biociências*, v. 5, n. S1, p. 672-674, 2007.

MORENO PIZANI, Maria Alejandra. Manejo da irrigação e produtividade da água na cultura da carqueja (*Baccharis crispa* Spreng.). 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NAKAMURA, Sandra Sayuri et al. Molecular authentication of *Maytenus* sp by PCR-RFLP. *Semina: Ciências Agrárias*, v. 34, n. 2, p. 627-633, 2013.

NEGRELLE, R. R. B. *Renealmia* Lf: aspectos botânicos, ecológicos, farmacológicos e agrônômicos. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 17, p. 274-290, 2015.

NERY, Francine da Silva Guerellus; ZUFFELLATO-RIBAS, Katia Christina; KOEHLER, Henrique Soares. Enraizamento de *Psychotria nuda* (Cham. & Schldtl.) Wawra (Rubiaceae) nas quatro estações do ano. *Ciência Florestal*, v. 24, p. 243-250, 2014.

NOGUEIRA, F. L. P. et al. Atividade analgésica e antiedematogênica de *Polygala paniculata* L. (Polygalaceae) selvagem e obtida por micropropagação. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 15, n. 4, p. 310-315, 2005.

NONATO, Fabiana R.; WINDISCH, Paulo G. Vittariaceae (Pteridophyta) do sudeste do Brasil. *Brazilian Journal of Botany*, v. 27, n. 1, p. 149-161, 2004.

OLIVEIRA, Fábio Lazzarotto de et al. Análise fitoquímica de *Hedyosmum brasiliense* Miq. *Chloranthaceae*. 2009.

OLIVEIRA, Reyjane Patrícia de; LONGHI-WAGNER, Hilda Maria; GIULIETTI, Ana Maria. O gênero *Ichnanthus* (Poaceae: Paniceae) na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 17, n. 1, p. 49-70, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAGANI, Alberto et al. Suprimento de citocinina exógena em asplênio *Asplenium nidus* L. induzindo acúmulo não usual de biomassa após transplântio. *Ornamental Horticulture*, v. 27, n. 2, p. 117-125, 2021.

PAVIN, Maria Elisa et al. Briófitas: Diversidade e importância. 2001.

PEIXOTO, Ariane Luna. Revisão taxonomica do genero *Mollinedia* Ruiz et Pavon: monimiaceae, monimieideae. 1987.

PEREIRA, Matheus Batista. Estudos morfológicos de *Drepanoconis larviformis*, agente etiológico de galhas em frutos de *Emmotum nitens* e *Nectandra oppositifolia* em áreas de cerradão no estado de Minas Gerais e no Distrito Federal. 2019.

PEREIRA-DINIZ, Sandra Graciele et al. Ecofisiologia da germinação de sementes de *Clidemia hirta* (L.) D. Don (Melastomataceae). 2003.

PESSÔA, Clênia de Souza. *Ruellia* L.(Acanthaceae) no Estado de Minas Gerais, Brasil. 2012.

POLIDO, Caroline do Amaral; SARTORI, Ângela Lúcia Bagnatori. O gênero *Machaerium* (Leguminosae-Papilionoideae-Dalbergieae) no pantanal brasileiro. *Rodriguésia*, v. 58, n. 2, p. 313-329, 2007.

POSSETTE, Rafael Fernando da Silva; RODRIGUES, William Antônio. O gênero *Inga* Mill. (Leguminosae-Mimosoideae) no estado do Paraná, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 24, p. 354-368, 2010.

RAUH, Laryssa Kathlin; OTUKI, M. F.; CABRINI, D. A. Avaliação da atividade anti-inflamatória tópica da *Vernonia scorpioides* (Lam) Persons em modelos de inflamação cutânea em camundongos. 2008, 2008.

Ribeiro, Lidice Meyer Pinto. Os mansos herdarão a terra: estudo etnobotânico de uma área rural protestante. São Paulo. Editora Mackenzie, 2004.

RIBEIRO, Rayane de Tasso Moreira; LOIOLA, Maria Iracema Bezerra; SALES, Margareth Ferreira de. *Terminalia* L.(Combretaceae) do Estado de Pernambuco, Brasil. *Hoehnea*, v. 45, p. 307-313, 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RODRIGUES, C. et al. SAZONALIDADE DE GALHADORES SOBRE *GUAPIRA OPPOSITA* (NYCTAGINACEAE) NO MORRO SANTANA, PORTO ALEGRE, RS. *Austral Ecology*, v. 28, p. 1-13, 2007.
- RODRIGUES, Lucas Carvalho Gomes; QUEIROZ, George Azevedo de; GUIMARÃES, Elsie Franklin. *Peperomia* Ruiz & Pav. (Piperaceae) da Reserva Biológica do Tinguá, RJ, Brasil. *Hoehnea*, v. 48, 2021.
- ROMERO, ROSANA; MARTINS, ANGELA B. Melastomataceae do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Brazilian Journal of Botany*, v. 25, n. 1, p. 19-24, 2002.
- ROSA, Priscila Oliveira; ROMERO, Rosana. O gênero *Myrcia* (Myrtaceae) nos campos rupestres de Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia*, v. 63, n. 3, p. 613-633, 2012.
- SAMPAIO, Adeilza Felipe et al. Aspleniaceae (Polypodiales) da Estação Ecológica do Cuniã, Porto Velho, Estado de Rondônia, Brasil. *Acta Biológica Catarinense*, v. 7, n. 3, p. 28-36, 2020.
- SANTOS, Raquel Leão et al. Levantamento fitogeográfico de *Dalbergia* Lf (Leguminosae-papilionoideae) com potencial produtivo para própolis vermelha no Estado do Pará. Embrapa Amazônia Oriental-Artigo em periódico indexado (ALICE), 2017.
- SANTOS, Ricardo Carvalho; MELO FILHO, Antonio Alves de. Fitoquímica e Atividade Biológica do Gênero *Swartzia*: Uma Revisão. *Orbital: The Electronic Journal of Chemistry*, v. 5, n. 2, p. 143-147, 2013.
- SILVA JÚNIOR, M. C. da; PEREIRA, B. A. da S. 100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009. 288 p.
- SILVA, Fernanda Oliveira. *Ouratea* Aubl. (Ochnaceae) na porção norte da floresta atlântica, Brasil. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- SILVA, Genilson Alves dos Reis. A subtribo Ecliptinae Less. (Heliantheae-Asteraceae) na Amazônia brasileira. 2008. Tese de Doutorado. UFRA/MPEG.
- SILVA, Meiriele da; PEREIRA, Olinto Liparini. *Coccocypselum lanceolatum* (Rubiaceae): nova espécie hospedeira de *Puccinia lateritia* no Brasil. *Summa Phytopathologica*, v. 34, p. 194-194, 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SMANIOTTO, Lisonéia et al. Bioatividade da *Cabralea canjerana* (Vell.) Mart.(Meliaceae) no controle de adultos de *Acanthoscelides obtectus* (Coleoptera, Bruchidae) em laboratório. Biotemas, v. 23, n. 2, p. 31-35, 2010.

SOUTO, Marco Antonio Gomes; BOEGER, Maria Regina Torres. Estrutura e composição do estrato de regeneração e vegetação associada de diferentes estádios sucessionais no leste do Paraná. Ciência Florestal, v. 21, p. 393-406, 2011.

VALE, V. S.; DORNELES, M. C.; SCHIAVINI, I.; MENDONÇA, E. T.; ALMEIDA, C. G.; SILVA, P. A.; CRESPILO, R.F. Grupos funcionais e sua importância ecológica na vegetação arbórea em um remanescente florestal urbano, Uberlândia, MG. Natureza online, Santa Tereza, v. 9, n. 2, p. 67-75, 2011.

WANG, Ching-Chiung; CHEN, Lih-Geeng; YANG, Ling-Ling. Atividade antitumor de quatro ellagitannins macrocíclicas de *Cuphea hisopifolia*. Cartas de câncer, v. 140, n. 1-2, p. 195-200, 1999.

Windisch PG, Santiago ACP (2015) Cyatheaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB90850>. Acesso em: 28 dez. de 2021.

YAMAMOTO, KIKYO. *Ouratea hatschbachii* (Ochnaceae) uma nova espécie de Grão-Mogol, estado de Minas Gerais, Brasil. Boletim de Botânica da universidade de São Paulo, p. 33-37, 1995.

YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

ZANIN, Sandra Maria Warumby; LORDELLO, Ana Luísa Lacava. Alcalóides aporfinóides do gênero *Ocotea* (Lauraceae). Química Nova, v. 30, n. 1, p. 92-98, 2007.



LABORATÓRIO DE BOTÂNICA

IFES CAMPUS DE ALEGRE

Instagram: @labot.ifes.alegre

ISBN: 978-65-00-70124-1

